

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas
Habilitação: Línguas, Artes e Literaturas
Simone Farias de Jesus

TRAJETÓRIA E VIVÊNCIAS DE JÚLIOBERÉ

Projeto de percurso acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da UFMG como requisito parcial para obtenção da Licenciatura em Línguas, Artes e Literaturas.

Orientador: Josiley Francisco de Souza

Coorientadora: Priscila Maria de Barros Borges

Belo Horizonte

2024

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha vida, e por me permitir a realização deste sonho, por me manter firme e focada neste objetivo.

Aos meus pais e irmãos que contribuíram e de muitas formas me incentivaram a continuar e vencer todos os obstáculos que apareceram durante esta caminhada, em especial ao meu pai, pela força, coragem, honestidade, humildade que carrega em seu coração; acredito que esta conquista é dedicada inteiramente ao senhor.

Ao meu esposo e filhos pela paciência e por terem me apoiado durante a minha ausência para a conquista desse curso, com a sensação de poder compartilhar com eles essa conquista: não existe coisa melhor.

Aos colegas pela compreensão e pelos momentos que passei com cada um deles, durante conversas divertidas ou em conversas de saudades da família, ou em momentos de doenças, mas sabemos que a dificuldade é grande e a força de vontade de cada um de nós é maior, sendo assim desejo a todos muitas realizações e sucesso, na vida pessoal e profissional.

Aos professores e orientadores pelo esforço e dedicação para que eu pudesse finalizar o meu trabalho com sentimento de dever cumprido, levando muitos conhecimentos passado por cada um deles durante este percurso, sabendo que sentirei saudades de cada momento.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo contar a história de Júlio Beré e família e sua trajetória de lutas e ensinamentos durante sua vida de cacique, liderança e pai de família. Tem como objetivo relatar os processos e tradições vivenciadas nas aldeias nas quais ele viveu, contando sua experiência escolar, quem o ajudou a aprender a ler e escrever, quem foram os seus professores quem o ajudava a desenvolver suas tarefas escolares. É objetivo, ainda, falar um pouco sobre o seu trabalho e modo de sobrevivência familiar através de roça, pesca e caça, tendo assim conseguido criar os filhos até hoje, e quando falo da sua trajetória como liderança, quero aqui trazer as lutas, conquistas e dificuldades vivenciadas por Júlio durante sua trajetória nas retomadas do Parque Nacional do Monte Pascoal, sua vida durante, as retomadas próximas a BR 101, as vivências adquiridas durante esse processo, a criação da primeira associação comunitária indígena da comunidade, as primeiras roças comunitárias e os ensinamentos de pai-liderança para um jovem em fase de aprendizado, que pode, assim, dar sequência a um legado para o povo Pataxó da minha comunidade. Este trabalho ficará como uma contribuição para a comunidade e escola, porque tenho em mente que cada um da comunidade deve conhecer as trajetórias dos nossos anciãos e assim poder dar sequência nos ensinamentos para as futuras gerações de guerreiros e guerreiras do povo Pataxó.

Palavras-chave: Bahia; Biografia; Etnia Pataxó.

Índice de Imagens

Figura 1 - Visita a Tiradentes / MG. Guilherme Trielli, 2022.	15
Figura 2 - Visita à exposição do Nei e Ivanir Xakriabá no Museu de Artes e Ofícios. Adrielle Araújo, 2023.	16
Figura 3 - Foto do mapa da aldeia Boca da Mata desenhado a mão durante um curso de formação continuada da UFSB, 2019.	20
Figura 4 - Dados sobre a população da Aldeia Boca da Mata. Alexandre Campatto, 2019.	21
Figura 5 - Roça de banana, coco e árvores nativas, casa de Márcio Farias. Simone Farias, 2023.	21
Figura 6 - Roça de mandioca, dona Maria do Carmo. Celson Ferreira, 2023.	22
Figura 7 - Farinheira para a produção de farinha e beiju. Celson Ferreira, 2023.	22
Figura 8 - Roça de pimenta de Júlio Beré. Simone Farias, 2023.	22
Figura 9 - Produção de beiju, por mulheres Pataxó: Marilandia e Tamikuã. Simone Farias, 2024.	23
Figura 10 - Farinha de mandioca. Simone Farias e Tamikuã Pataxó, 2024.	23
Figura 11 - Artesanato Pataxó de Caiak de Arruda, Arquivo de Pedro Henrique e Tamikuã Pataxó, 2023.	24
Figura 12 - Esteiras produzidas por dona Maria do Carmo. Simone Farias, 2023.	24
Figura 13 - Casa de Cutia. Simone Farias, 2024.	25
Figura 14 - Estrada que dá acesso a entrada da comunidade. Simone Farias, 2023.	26
Figura 15 - Casa de dona Helena. Simone Farias, 2023.	26
Figura 16 - Rua da casa do liderança Ivan Santana e Ladeira de Zezitão. Simone Farias, 2023.	27
Figura 17 - Casa dos lideranças. Simone Farias, 2023.	28
Figura 18 - Ladeira de dona Leriana e Córrego Joaquin do Sapé. Simone Farias, 2023.	28
Figura 19 - Acesso a lagoa de seu Arcisio. Simone Farias, 2023.	29
Figura 20 - Entrada da casa de tia Conceição. Niomaktxy Pataxó, 2024.	30
Figura 21 - Centro Cultural do Ritual Sagrado. Niomaktxy Pataxó, 2024.	30
Figura 22 - Acesso a escola Boca da Mata. Simone Farias, 2024.	31
Figura 23 - Estradas que dão acesso a escola. Simone Farias, 2024.	31
Figura 24 - Escola Pataxó Boca da Mata. Arquivo da Escola Pataxó Boca da Mata, 2023. ...	32
Figura 25 - Morro da caixa d'água. Arquivo de Arenilson Braz, 2024.	33
Figura 26 - Cooperativa da comunidade da aldeia Boca da Mata. Simone Farias, 2023.	33
Figura 27 - Estrada que dá acesso a escola da comunidade, Arquivo da Escola Pataxó Boca da Mata, 2023.	34
Figura 28 - Professor Patxyo junto com alunos dos segmentos fundamental II e médio. Arquivo Rayki Rocha de Jesus, 2023.	35
Figura 29 - Centro da comunidade. Chiquinho, 2023.	35
Figura 30 - Extensão da escola Boca da Mata. Simone Farias, 2024.	36
Figura 31 - Extensão da escola e acesso ao rio da comunidade. Simone Farias, 2024.	36
Figura 32 - Acesso ao rio Bala Doce e casa do pajé Santana. Simone Farias, 2024.	37
Figura 33 - Posto de saúde da comunidade. Simone Farias, 2023.	38
Figura 34 - Acesso à saída da comunidade. Simone Farias, 2023.	38
Figura 35 - Ladeira de Mocotó. Simone Farias, 2024.	39
Figura 36 - Acesso à aldeia Cassiana e ao Parque Nacional do Monte Pascoal. Simone Farias, 2023.	39
Figura 37 - Ponte que dá acesso a comunidade. Simone Farias, 2023.	40
Figura 38 - Luís Francisco do Nascimento. Simone Farias, 2024.	46
Figura 39 - Cleidiane Alves da Rocha pintando Creonice para a paralização da BR 101.	

Simone Farias, 2024.....	50
Figura 40 - Renato e sua esposa e filho. Arquivo de Renato Atxuãb	53
Figura 41 - Reunião Conselho da Condise - BA e acompanhamento do abastecimento de água da comunidade. Arquivo pessoal de Renato Atxuãb, 2022 \2023	55
Figura 42 - Poço artesiano sendo perfurado cabeça da Ladeira. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.....	56
Figura 43 - Reunião com secretário de educação de Porto Seguro e com coordenador da DISEI-BA, Kaimbé, encontro da SESAI. Arquivo pessoal de Renato Atxuãb, 2023	56
Figura 44 - Com Weibé Tapebá- Secretário de Saúde Indígena (SESAI) do Brasil Arquivo Renato Atxuãb, 2023.....	56
Figura 45 - Reunião de pais e mestres e com o coordenador da educação estadual da Bahia. Arquivo Renato Atxuãb, 2023.	57
Figura 46 - Alunos da UNEB durante a paralização da BR 101. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.....	57
Figura 47 - Reunião com Conselho de Caciques T.I Barra Velha e Coroa Vermelha e com lideranças Tohô e Siratã. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.....	58
Figura 48 - Reunião na Justiça Federal de Teixeira de Freitas / BA. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.	58
Figura 49 - ATL em Brasília e lideranças e anciãos Arquivo pessoal de Renato Atxuãb, 2023.	59
Figura 50 - Reunião no Palácio do Planalto Brasília Casa do presidente Lula, Arquivo pessoal do Renato Atxuãb, 2023.....	59
Figura 51 - Paralisação da BR 101. Arquivo pessoal de Renato Atxuãb,2023.....	60
Figura 52 - Paralisação da BR 101. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.....	60
Figura 53 - Pai e mãe com os filhos: Mônica, Renato, Simone, Kaleby, Márcio, Alexandre. 61	
Figura 54 - Paralisação da BR 101.Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.....	62
Figura 55 - No Ministério dos Povos Indígenas do Brasil.Arquivo de Renato Atxuãb, 2023. 62	
Figura 56 - Com nossa deputada federal Célia Xakriabá; com o cacique Raoni; ATL em Brasília. Arquivo pessoal de Renato Atxuãb, 2023.	63
Figura 57 - Buscando projetos de moradias. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.....	63
Figura 58 - Presidente do Conselho de Caciques do território Barra Velha, Suruí Pataxó e Cacique Atxuab Pataxó e lideranças em reunião com a chefe do ICMBIO Raiane. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.....	64
Figura 59 - ATL em Salvador / BA.Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.	64

Sumário

1.	MEMORIAL (MINHA HISTÓRIA)	7
2.	INTRODUÇÃO.....	19
3.	HISTÓRIA SOBRE ALDEIA BOCA DA MATA (MAPA FALADO).....	20
4.	BIOGRAFIA DE MEU PAI.....	41
4.1.	Origem familiar, trabalho e escolarização	41
4.2.	Trabalho, deslocamento e constituição familiar.....	42
4.3.	Luta pelo território e participação comunitária.....	42
4.4.	Com a palavra, seu Júlio Beré.....	45
5.	ENTREVISTA COM PESSOAS QUE PARTICIPARAM DA TRAJETÓRIA	46
5.1.	Luís Francisco do Nascimento.....	46
5.2.	Creonice de Jesus Silva.....	50
5.3.	Renato Farias de Jesus (Atxuãb Pataxó)	53
6.	POEMAS.....	68
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
8.	REFERÊNCIAS	86

1. MEMORIAL (MINHA HISTÓRIA)

Eu, Simone Farias de Jesus, sou natural da Aldeia Boca da Mata, localizada no Território Barra Velha. Nasci no dia 07 de agosto de 1993, tenho, portanto, 30 anos de idade. Sou mãe de dois meninos, John Kaio Farias Ribeiro e Kaique Farias Ramos. Sou professora dos anos finais e ensino médio da Escola Indígena Pataxó Boca da Mata, universitária.

Sou filha de Júlio Farias do Nascimento e Creonice de Jesus Silva, ambos naturais do Território Barra Velha. Meu pai, mais conhecido na aldeia como “JúlioBeré”, é um grande guerreiro das lutas Pataxó. Como liderança da Aldeia Boca da Mata, esteve presente, por exemplo, no processo de retomada do Parque Nacional do Monte Pascoal no dia 18 de agosto de 1999. Como cacique, liderou a comunidade por 1 ano de 2003 a 2004. Até hoje ele luta pela comunidade e continua sendo uma de suas lideranças. Em 2020, minha irmã e eu publicamos um artigo que conta sua trajetória, suas lutas e conquistas¹.

Meu irmão Renato Farias de Jesus nasceu em 13 de março de 1988 na Aldeia Boca da Mata. Ele é casado com Cleidiane Alves da Rocha., O filho deles se chama Rayky Rocha de Jesus. Hoje, Renato é o cacique da Aldeia. Ele foi eleito após votação realizada pela comunidade no ano de 2019. Ele leva com ele as raízes de nosso povo e as bênçãos dos nossos anciãos, para assim poder continuar lutando pelo nosso povo. Ele sempre foi um membro participativo mesmo antes de se tornar cacique da aldeia, um homem trabalhador muito honesto, soube seguir os passos de nossos pais, sendo assim, tenho muito orgulho em ser irmã e ser representada por ele.

Tendo em vista a limitação do número de páginas não poderei especificar a história de todos os meus irmãos, apenas mencionarei seus nomes e seus familiares. Mas todos concluíram o ensino médio e estão tentando uma vaga nas universidades, pois queremos ver nossos pais orgulhosos.

Fernanda Farias de Jesus nascida em 12 de junho de 1989, casada com Lindemberg Chaves Matias e com três filhos, Guilherme de Jesus Matias, Fernando de Jesus Matias e Silas de Jesus Matias.

¹ Esse artigo pode ser consultado aqui: <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/Júlio-bere/>

Mônica farias de Jesus nascida em 25 de julho de 1991, professora, casada com Mário Júnior da Conceição e o filho TanhyHanryFarias da Conceição.

Kaleby Farias de Jesus, professor, nascido em 25 de fevereiro de 1996 casado comItainara Ribeiro de Souza, auxiliar de classe da Aldeia Boca da Matae com uma filha,Kayala Farias de Souza.

Márcio Farias de Jesus, nascido em 11 de maio de 2000, trabalhador braçal em uma Fazenda próxima a nossa Aldeia, casado com Ernanda Braúna Araújo, tem um filho chamado Lorenzo com apenas 2 anos de idade.

Alexandre Farias de Jesus, nascido em 16 de dezembro de 2002, estudante da Universidade Federal do Extremo Sul da Bahia, casado com Ilza Kekilis Almeida Ponçada, também estudante e trabalhadora autônoma.

Toda nossa família pratica os costumes do nosso povo. Por exemplo, participamos do Ritual Sagrado que acontece todas as sextas-feiras a partir das 19:00horas no pátio da casa da minha tia. Durante o ritual nós cantamos o awê e oferecemos aos espíritos da natureza e aos nossos ancestrais. Minha mãe e eu também participamos da Associação de Mulheres. Através das atividades da associação, nos reunimos para fazer hortas, garrafadas, produção de artesanatos de pena. Através dela também conseguimos aprovar um projeto para a construção de galinheiros para as mulheres da associação. Hoje podemos vender as galinhas ou trocá-las por outros produtos alimentares, sempre buscando novas formas e métodos para viver bem.

Além do Ritual Sagrado, minha família e eu também participamos dos festejos tradicionais da comunidade. O Santo Reis acontece no dia 6 de janeiro. Já no dia 20 de janeiro nós comemoramos o dia de São Sebastião. Enfim, no dia 3 de fevereiro comemoramos o dia de São Brás. Outra festa importante da comunidade acontece no dia 13 de junho, quando comemoramos o dia do nosso padroeiro, Santo Antônio. Na ocasião destes festejos, são levantados mastros de madeira no centro da aldeia com uma bandeira com o desenho do santo a ser festejado. É importante lembrar que estes mastros são retirados da mata e carregados nas costas dos parentes até a frente da igreja da aldeia. Nesse percurso, a

procissão passa em todas as casas da comunidade. No dia 24 de junho todos os mastros são cortados e fazemos uma grande fogueira em frente a nossa igreja para os anciãos contarem as histórias e lutas vividas por nosso povo Pataxó.

Durante essas comemorações é uma grande festa. Toda a comunidade se junta para celebrar a união de um povo e renovar sua fé. A festa sempre termina com a entrega de um ramo de flores. Os moradores que aceitarem o ramo se comprometem organizar a festa do próximo ano e receber os convidados em suas casas com bastante fartura para todos.

Outra festividade importante, da qual também participo ativamente são os Jogos Escolares Indígenas. Esses jogos são preparados pela escola juntamente com a comunidade. Os alunos aprendem com os anciãos a fazer farinha, beiju, armadilhas, preparar tinta de jenipapo etc. Aprendem também o ciclo para plantar, a lua certa para cada plantio e o tempo da colheita. Além dessas atividades, também fazemos jogos como arco e flecha, cabo de guerra, corrida de maracá, patyomikay, arremesso de tacape. Durante os jogos preparamos comidas típicas, e para isso nós, professores, vamos ao mangue com toda a comunidade para catar marisco, caranguejo, bugigão, ostra, lambreta etc.

A mariscagem é feita pelos adultos. Os alunos só observam. Para isso, nos deslocamos até a Aldeia Barra Velha, também conhecida como Aldeia Mãe, localizada na beira da praia. Quando chegamos lá sempre fomos muito bem recebidos e ajudados pelos parentes. Tudo que coletamos durante a viagem é servido nos três dias dos jogos: peixe assado na patioba, caldo de bugigão, lambreta assada, moqueca de caranguejo, mangaba. Também servimos frutas que são colhidas nos quintais das casas dos nossos alunos e de nossas próprias casas, como jaca, laranja, caju, coco, mexerica, banana. Como já disse, também temos o beiju, farinha de puba, farinha de coco e tapioca. E não poderia esquecer de mencionar o cauim: bebida tradicional do povo Pataxó que nós nunca deixamos faltar. Temos também as garrafadas de ervas medicinais que são distribuídas durante o evento. Produzimos também mudas dessas mesmas plantas para serem distribuídas durante o evento.

Durante os jogos também incentivamos os talentos dos nossos jovens na produção de pequenos artesanatos feitos de pena e na produção de novas canções a serem cantadas durante o evento. Damos, assim, o merecido reconhecimento a esses jovens. Faço parte destas comemorações com muito orgulho, porque é uma das maneiras de manter viva a

nossa cultura e a tradição de nosso povo.

Escola

Meus pais sempre tiveram vontade de estudar. Mas devido às dificuldades eles tiveram de trabalhar desde muito cedo para ajudar seus pais. Assim, não ficaram muito tempo na escola. Meu pai só estudou até a 3 série, tendo sido um dos alunos da primeira turma da primeira escola da aldeia Barra Velha. Naquela época, final dos anos 70 e início dos anos 80, os professores eram da Funai.

Já minha mãe não teve a oportunidade de terminar os estudos, já que seus pais trabalhavam em fazendas da vizinhança e estavam sempre se deslocando de uma fazenda à outra. No entanto, quando ela se casou com meu pai, ela teve a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental II. Eu, por outro lado, tive uma experiência educacional diferente. Iniciei meus estudos aos 6 anos de idade em uma escola feita de tábua com piso de cimento vermelho. Lembro-me que as paredes eram pintadas com tinta de cal azul. Quando encostávamos nas paredes, nossas roupas ficavam azuis. O nome da minha primeira professora era Maria Miaga. Uma senhora muito dedicada e amorosa com seus alunos. Foi ela que me alfabetizou. Me lembro ainda quena hora do intervalo ela tocava violão. As crianças ficavam ouvindo e cantando a canções lindas. Apesar da simplicidade da nossa escola, nós éramos muito dedicados aos estudos. Esta professora não era indígena. Naquela época ainda não havia professores indígenas.

Mas nossos parentes sempre se esforçaram muito para conseguir uma formação de qualidade. Lembro-me de ouvir os mais velhos contarem que eles andavam mais de vinte quilômetros para chegar à BR e pegar um ônibus para ir estudar na cidade de Porto Seguro e concluir o ensino fundamental.

Eu tive o privilégio de estudar com dois desses parentes. Um deles, chamado Jovino Ponçada, é hoje o diretor da escola onde eu trabalho. Ele foi meu professor na terceira série, quando aprendi muito. No quarto ano estudei com a professora Juliana Santana. Hoje ela é coordenadora da educação infantil na escola onde trabalho. Além de ser uma excelente profissional, ela é uma mulher guerreira. No quinto ano estudei com a professora Maria da

Silva Souza. Ela também foi uma ótima professora, mas teve que abandonar sua profissão, já que não teve as condições de ir até Porto Seguro concluir seus estudos. Ela tinha filhos pequenos e não tinha como sair para longe.

Eu concluí o ensino fundamental I tendo aula com uma maioria de professores não indígenas. Apenas um professor era indígena. Ele atuava na disciplina de patxohã. Era meu primo, chamado Junior Farias do Nascimento.

Mesmo não sendo indígenas, esses professores eram grandes incentivadores. Sempre nos falavam: “estudem pois os professores de amanhã serão vocês”. Eu agradeço muito a eles por essas palavras, pois de fato muitos dos meus colegas da época são ótimos professores hoje.

Finalmente, concluí os anos finais em 2007 e logo já iniciei o Ensino Médio. Mais uma vez, meus professores eram não-indígenas. Havia apenas um indígena entre eles: o professor de patxohã, língua Pataxó, chamado Ademário. Ele é um grande professor. Saía de sua aldeia, chamada Coroa Vermelha, e vinha trabalhar na nossa escola. Foi assim que concluí o primeiro ano.

No ano seguinte dei início ao segundo ano. Logo descobri que estava grávida do meu primeiro filho. Eu tinha quinze anos, mas não parei de estudar. Com a ajuda e apoio dos meus pais eu segui firme. Depois que tive meu filho, o levava comigo para a escola. Eu fazia as atividades com ele nos meus braços. Meus colegas e professores sempre me ajudaram na sala de aula. Até mesmo o diretor o segurava para eu fazer durante as provas. Eu consegui concluir meu segundo ano e por isso sou muito grata pelo apoio de todos.

Devido a uma doença que meu pai acabou descobrindo, tive que ajudar minha mãe. Assim, acabei ficando um ano sem frequentar a escola. Mas sempre querendo voltar. Depois engravidei do meu segundo filho. Meu ex-esposo me ajudava bastante. Assim, eu deixava meu segundo filho com o pai e ia, graças a Deus, conseguia estudar e pude concluir o Ensino Médio, sempre com muita luta.

Em 2014 iniciei uma Universidade particular. Com a ajuda do meu ex-marido, eu ia até a cidade de Itamaraju uma vez por semana estudar. Consegui me formar na área de Educação Ambiental. Eu escolhi esse curso porque sempre tive vontade de ser professora, além de

minha aldeia ser cercada pelo Parque Nacional do Monte Pascoal. Sempre achei lindo ver meus parentes como professores, ensinando nossos filhos. Queria poder fazer isso também. Assim, depois que concluí a graduação, fiz cursos de agricultura familiar e sustentabilidade, participando sempre dos projetos ofertados pela escola e sempre me esforçando para obter mais conhecimentos.

No ano de 2018 fui chamada pelo diretor da escola para trabalhar no Programa Mais Educação. Eu fiquei muito feliz com a proposta e é claro que aceitei o convite na mesma hora. Era a chance que eu estava esperando. Então me dediquei bastante durante todo o ano. Estar em sala de aula é uma coisa que eu amo fazer. O diretor sempre me acompanhou de perto, avaliando meu trabalho. Acho que conquistei o meu lugar, porque no ano de 2019 fui chamada para trabalhar no quadro escolar. Fiquei realmente muito contente comigo mesma, pois valeu a pena todo meu esforço. Foi aí que comecei a trabalhar com os anos finais. Desde então venho tendo o suporte e ajuda dos meus colegas que já se encontravam em universidades como em cursos da UFMG, UNEB e IFBA. Eles me contavam o quanto eles aprenderam e se sentiam satisfeitos pelas conquistas deles. Por isso, eu os admiro muito. Eles sempre dividiram um pouco dos seus conhecimentos comigo.

Além dessas experiências, também tive a oportunidade de participar de uma formação continuada em Porto Seguro, onde também pude aprender muita coisa. Também estava participando de outra formação na própria Aldeia Boca da Mata, um projeto de extensão em parceria com a UFSB, o qual conclui com êxito, porque tivemos ótimos frutos desta formação e o material está sendo usado por professores e alunos da escola Boca da Mata.

No dia 18 de março de 2020 fomos informados que a escola seria fechada para não colocar em risco a nossa saúde e a saúde dos alunos. Mas graças a Deus e com ajuda das medicinas tradicionais e médicas, conseguimos passar por este momento tão difícil dentro da comunidade e sigo trabalhando com muita coragem e dedicação para uma educação diferenciada e de qualidade para meus parentes. Me sinto realizada em poder ajudá-los para que possam ser homens dignos e honrados quando forem adultos.

Cotidiano na aldeia

Há quatro anos atrás, durante a pandemia, minha família sempre fazia suas plantações para se

manter. Esse é um meio de subsistência do povo Pataxó, que faz o cultivo de mandioca, abacaxi e pimenta do reino, dentre outras frutas que têm dentro da nossa terra (laranja, caju, coco, manga, acerola etc.) e sim vamos levando a vida na simplicidade e no trabalho, atualmente permanecemos praticando os mesmos trabalhos.

Toda a família se junta para ajudar na roça pois a colheita sempre é dividida com todos. Quando não estamos na nossa roça, ajudamos os parentes na capina, plantio e colheita. Também ajudamos quando é para fazer farinha. Nós nos reunimos para descascar a mandioca e depois fazer a farinha no final deste processo. Depois dividimos entre todos os envolvidos. Também gosto de sair para pescar com meus filhos. No fundo da casa dos meus pais passa o rio Caraíva. Nele, nós podemos nos banhar nos dias quentes e lavar nossos pratos e roupas.

Como disse no início desse Memorial, nas noites de sexta-feira vamos para o Ritual Sagrado. Nos pintamos todos e com nossos trajes prontos não paramos de dançar o awê. Durante o Ritual usamos o pariká, um rapé produzido na própria aldeia. Tomamos o meandxu, que é um chá a base de plantas medicinais. Oferecemos nossas canções aos espíritos da natureza e aos nossos anciãos. Nas noites de sábado são realizadas as rezas na igreja da aldeia, para pedir forças e bênçãos à Deus para que abençoe nossa aldeia e que todos vivam em paz e harmonia para conseguirmos enfrentar esses momentos difíceis.

Atualmente meu irmão não é mais cacique da minha comunidade, ele esteve no cacicado entre o ano de 2019 a 2023, mas acredito que ele fez tudo que estava a seu alcance, devido as oportunidades que tive de participar de muitas reuniões, acabei aprendendo muitos com todos que estavam presentes em cada uma delas.

Uma das pautas foi o Território Barra Velha, e até hoje seguimos na luta por este objetivo que ainda está em processo de ampliação de seus limites. Durante essas reuniões tenho aprendido bastante coisa com meu irmão. Percebo, por exemplo, que ele não desiste de seus objetivos e me ensina, assim, a não desistir também dos meus, sempre buscando e aliando essa busca à união do nosso povo. Assim como nossa família é unida. Meu pai costuma sentar-se com os filhos para falar da importância em manter nossas tradições e raízes cada vez mais fortes. De que temos que nos orgulhar de nossa história e do nosso povo e nunca esquecer de contar para nossos filhos o significado de ser um povo originário desse lugar que hoje chamamos Brasil.

Há quatro anos reunimos as mulheres da aldeia para fazerem garrafadas de ervas medicinais para distribuir para todos da aldeia, pois tínhamos que nos prevenir. Com a ajuda do cacique e das demais lideranças foram doados alimentos e álcool em gel. Eu fico muito feliz em ajudar meu povo e de estar sempre buscando o melhor para nossa comunidade.

Trajetória na UFMG

Ingressei no curso, me sinto muito feliz em poder ter a oportunidade de estar mostrando para meus alunos o quanto é importante não desistir dos nossos sonhos e objetivos, e esta é mais uma maneira de contribuir para minha comunidade, e poder dar orgulho para meus pais que se esforçaram tanto para me ajudar. Durante minhas dificuldades, espero chegar para meus colegas de trabalho e contar minhas experiências vividas onde eles já viveram também, e adquirir o máximo de conhecimento para me tornar uma professora que seus alunos tenham orgulho e me vejam como uma fonte de inspiração, para continuarem lutando igual a mim. Quero deixar minha marca onde trabalho porque meus pais sempre me disseram que onde um índio escreve sua história nem o tempo consegue apagar.

Hoje sou uma mulher, mãe, professora, estudante e representante da minha comunidade que não se entrega por causa das dificuldades, porque estou aguardando uma oportunidade para me tornar uma profissional cada vez melhor porque meus alunos merecem.

Meu ingresso na universidade aconteceu no ano de 2019, com um pouco de dificuldade devido estarmos em tempo de pandemia, onde tivemos muitas perdas de parentes dentro das comunidades vizinhas, e nos deparamos com fortes chuvas no nosso território, chegamos a ficar ilhados e sem condições de participar de alguns intermódulos nas comunidades dos parentes, mas contamos com a ajuda dos lideranças e instituições de dentro e fora do estado. Com bastante luta o povo conseguiu se reerguer e buscar novas maneiras de se adaptar àquele momento tão difícil. Como a internet na minha comunidade é um pouco difícil, em muitas ocasiões acabei perdendo aulas, ou por falta de internet ou por falta de energia, porque quando caía as fortes chuvas a energia sempre ia embora, então acabava não conseguindo assistir à aula.



Figura 1 - Visita a Tiradentes / MG. Guilherme Trielli, 2022.



Figura 2 - Visita à exposição do Nei e Ivanir Xakriabá no Museu de Artes e Ofícios. Adriele Araújo, 2023.

Mas não desisti em nenhum momento, porque era um sonho cursar uma Universidade Federal, diante de tantas dificuldades, continuei, então chegou o grande dia de vir até a UFMG, eu estava tão ansiosa porque nunca havia estado na UFMG, já tinha ouvido tantos relatos sobre o FIEI que não estava aguentando de tanta ansiedade em conhecer novos povos e parentes, pois sempre tive a curiosidade em conhecer novas culturas, novas maneiras de pinturas, cantos, o modo de falar, enfim de conviver, sem dizer que estava na expectativa em conhecer os professores que até então só tinha visto através das telas do celular e notebook.

Acabei tendo uma experiência muito boa durante a primeira viagem, porque tive a felicidade em conhecer vários colegas Pataxós e Xakriába, que estudavam na mesma habilitação da LAL, foram dias muito proveitosos, apesar de muitas atividades, mas adquiri muito conhecimento durante esta primeira viagem até a UFMG,

Então retornei para meu território e pude contar para a família e amigos como foi a experiência, momento em que outros se animaram em também estar naquele espaço no qual eu

me senti tão feliz, e como tempo passa muito rápido, já chegava o momento de retornar para UFMG novamente onde tive a felicidade de estar presente mais uma vez, e como na outra viagem mais um módulo de aprendizagem juntamente com os colegas e outros parentes de outras etnias, onde tive o prazer de conhecer outros espaços dentro da cidade de Belo Horizonte. Também conhecemos a cidade de Tiradentes, que é histórica, juntamente com os professores Marco Scarassatti, Josiley Francisco de Souza, Guilherme Trielli Ribeiro e Verona Campos Segantini. Lá tive uma experiência como se tivesse voltado no tempo, conhecemos um museu até uma senzala, que me pareceu ser um lugar que carregava bastante dor e sofrimento, mas também conhecemos lugares maravilhosos como o centro histórico da cidade e um projeto da cidade que achei muito importante, porque vem restaurando obras e locais de exposição, trazendo a importância do turismo para dentro da cidade. Nós estudantes tivemos a oportunidade de conhecer e depois fomos convidados a produzir um belo trabalho falando sobre o que tudo que conhecemos. Eu pude criar um poema falando um pouco sobre a minha experiência vivida nas cidades de Tiradentes e São João Del Rei – outra cidade de muita beleza e história. Também visitamos a comunidade de Pinhões, em Santa Luzia, o Museu do Muquifo e um projeto comunitário maravilhoso no aglomerado da Serra chamado de “Seu Vizinho”.

Conheci também a Escola Paulo Freire onde observei um projeto de ervas medicinais e plantas frutíferas, o que me deixou muito feliz, pois apesar do pouco espaço ficou tudo muito bom, e o melhor é que todos têm a oportunidade de participar de cada etapa desse espaço de conhecimento. Também foi uma experiência sem igual me sentir como estivesse no céu de verdade, um momento de muito aprendizado, não só para mim, mas também para os colegas que ali estavam durante a visita. Nesse mesmo local tive o prazer em poder representar o meu povo durante uma breve gravação falando das vivências e culturas do povo Pataxó. Também tive a oportunidade de fazer parte de uma exposição no Museu de Artes e Ofícios, demonstrando, juntamente com colegas, uma exposição de livros e pinturas Pataxó e do povo Xakriabá, ficou um trabalho belíssimo com uma riqueza de detalhes e muitas emoções durante a apresentação, porque quando se trata de representar nosso povo nos sentimos orgulhosos e muito ansiosos devido à responsabilidade. Essas são as experiências que eu consegui absorver, percebendo o melhor de cada lugar, por isso sinto gratidão em ter a oportunidade de fazer parte da família FIEL.

Mas para ter essa conquista precisei muito dos ensinamentos dos meus pais e irmãos, porque

para me tornar a pessoa que sou hoje passei por um grande processo de ensinamentos, desde ir ao rio redar, apanhar lenha junto com minha irmã e irmão, trazendo este material nas costas de um animal, ou naquele momento de ir até a mata acompanhar meu pai e mãe na produção de artesanatos para o meio de subsistência da nossa família. Tive a oportunidade de estar acompanhando meus pais durante a luta pela demarcação do território, apesar de ser muito nova naquela época, já tinha em mim a vontade de sempre estar presente nas lutas e sempre acompanhada da família, sabendo que ali era um lugar de muito perigo. Tiveram momentos de dormirmos dentro da mata com medo de represálias por parte dos fazendeiros, mas mesmo assim continuo nas lutas e no movimento, porque fui criada dentro da luta do povo Pataxó, que vem sendo cada vez mais árdua, mas cada vez que paro para pensar que minha família sempre esteve presente em várias das situações durante a luta pelo território, eu sinto uma felicidade muito grande em poder dizer que a minha família é do movimento e nunca vai sair, porque estamos na luta por todos que aqui estão e por aqueles que ainda estão por vir. Por isso lembro sempre que minha base é feita de lideranças e mulheres guerreiras que estão o tempo todo em frente da família e nos trabalhos. Minha mãe. Por exemplo, é uma batalhadora que soube me criar para ser uma mulher de garra e coragem para continuar na luta pelo nosso povo, hoje tenho uma família grande e que está inserida na autodemarcação em prol da nossa comunidade, acredito eu que hoje sou uma jovem, mãe, professora, estudante e estou sempre representando meu povo, ao qual sinto muito orgulho em pertencer.

Vou concluir meu Memorial dizendo que nenhuma mulher deve desistir de seus sonhos, deve sempre erguer a cabeça e lutar, porque nada vem fácil, é agente que derruba as barreiras e parte para cima e não desanima por nada. Eu sou Pataxó com orgulho e vou continuar na luta por meus objetivos.

2. INTRODUÇÃO

Meu objetivo com essa pesquisa foi fortalecer a história de vida e trajetórias do ancião Júlio Baré, meu pai, falando das lutas e conquistas e convivência na aldeia e familiar, tendo como foco principal as lutas e os ensinamentos passados de geração para geração e dessa maneira trazer para a comunidade as lutas da minha família em prol do meu povo, durante as retomadas, movimentos, protestos e trabalhos voluntários dentro da aldeia. Acredito que é de extrema importância deixar registrado cada momento de luta e conquista do meu povo, porque há muito tempo não podíamos falar por nós mesmos, mas hoje temos a oportunidade de contar as nossas histórias e vivências dentro e fora da comunidade e trazer visibilidade para as lutas, não só do meu povo pataxó, mas sim de todos os povos. Cada dificuldade e cada luta enfrentada nas aldeias são quase as mesmas, em questão de infraestrutura, saúde, educação e principalmente na luta pelo território, por isso quero trazer a importância dos ensinamentos de meu pai para meu irmão, de um ancião para um jovem liderança que ainda está em fase de aprendizado, mas que já contribuiu muito para sua Aldeia e continua lutando.

Esta pesquisa foi realizada através de entrevistas com pessoas que participaram diretamente da vida de Júlio Beré com um questionário perguntando sobre as convivências, lutas e trajetória durante seu percurso como liderança e como pai de família. Relato também seu momento de escolarização e trabalho durante sua vida, falo também sobre a construção de sua família.

Também escolhi algumas fotografias que trazem consigo um pouco das vivências e é uma forma de registrar esses momentos de grande importância para nós, povos pataxós, que viemos de muitas gerações. Utilizei, ainda, áudios que foram gravados e depois transcritos, de forma que cada entrevistado pudesse se expressar de maneira livre suas memórias. Outros materiais utilizados são arquivos que trazem a quantidade de famílias que moram dentro da comunidade, um arquivo de biografias de outros parentes que também fazem parte da história do nosso povo, mapa desenhado a mão por alunos de uma formação que fiz, onde pude obter muito conhecimento e pude compreender a importância em conhecer o território, e um caderno de cartografia em PDF que traz muitas informações importantes para a formação da minha comunidade e suas transformações ao longo do tempo.

3. HISTÓRIA SOBRE ALDEIA BOCA DA MATA(MAPA FALADO)

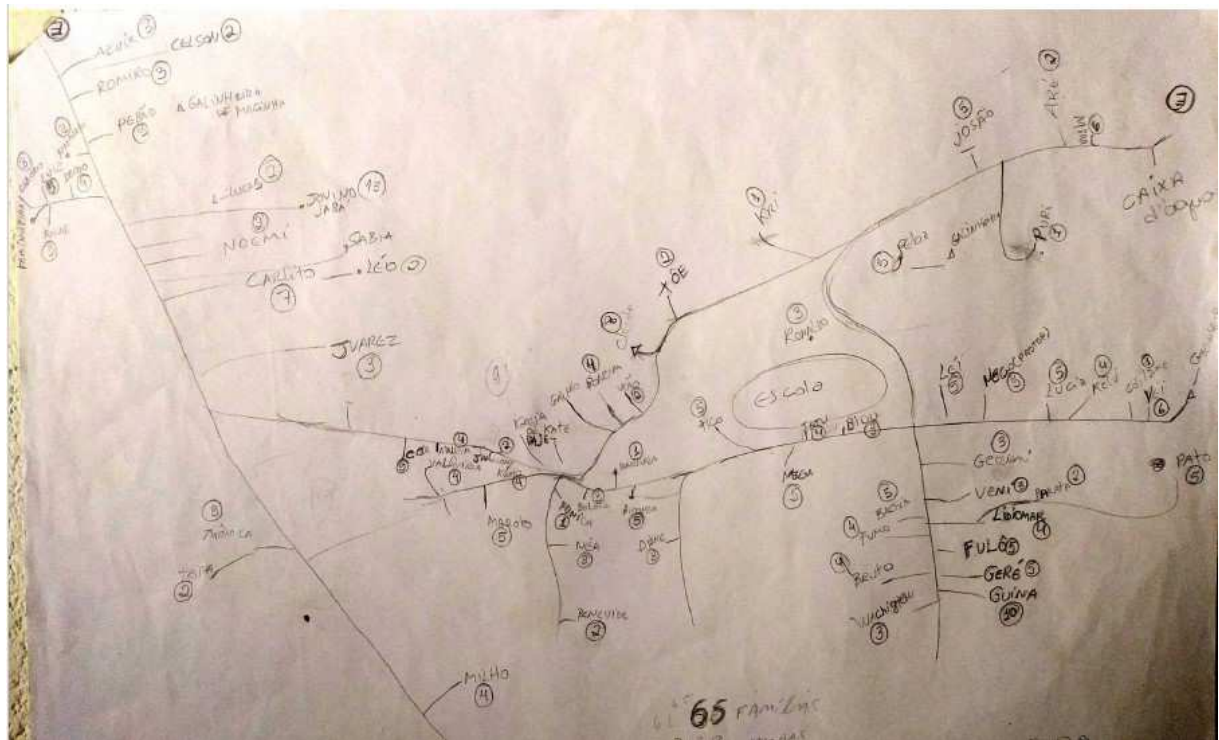


Figura 3 - Foto do mapa da aldeia Boca da Mata desenhado a mão durante um curso de formação continuada da UFSB, 2019.

A aldeia Boca da Mata tem cerca de trezentas e cinquenta famílias e se inicia no Tupiniquins, região que também faz parte da aldeia Boca da Mata. O meio de subsistência na aldeia é a agricultura, de pimenta, mandioca, dentre outros materiais que são usados para o consumo não somente da família, mas também em trocas e vendas, também trabalham com o artesanato de madeira como colher e coxo, ou gamela, tendo em vista que a comunidade é comandada por somente um cacique e lideranças.

As informações abaixo foram construídas a partir da oficina de mapas e etnomapas realizada nos dias 06 e 07 de março de 2020 na comunidade de Boca da Mata. Nesta ocasião, participaram das atividades: Dione, Elismárcia, Patxyô, Jovino, Juliana, Júnior, Mônica, Romário, Saiara, Sérgio, Simone e Alexandre.

ETNOMAPEAMENTO DAS FAMÍLIAS E DO NÚMERO DE MORADORES POR REGIÃO EM BOCA DA MATA: RESULTADOS PRELIMINARES			
REGIÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS/CASAS	NÚMERO DE MORADORES	MÉDIA DE MORADORES POR HABITAÇÃO
CENTRO	47	181 (23,4%)	3,8
BALA DOCE	28	104 (13,5%)	3,7
CABECEIRA DA PONTE	23	70 (9,1%)	3,0
ARREDORES DA ESCOLA	65	248 (32,1%)	3,8
CABEÇA DA LADEIRA	32	103 (13,3%)	3,2
TUPINIKINS	6	26 (3,4%)	4,3
MORRO DO CHAPÉU	11	40* (5,2%)	3,6
TOTAL	212	772	3,6

* No Morro do Chapéu foi feito apenas o levantamento do número de famílias, para o total de moradores recorri à média geral das outras regiões, 3,6 moradores por habitação

Figura 4 - Dados sobre a população da Aldeia Boca da Mata. Alexandre Campatto, 2019.



Figura 5 - Roça de banana, coco e árvores nativas, casa de Márcio Farias. Simone Farias, 2023.



Figura 6 - Roça de mandioca, dona Maria do Carmo. Celson Ferreira, 2023.



Figura 7 - Farinheira para a produção de farinha e beiju. Celson Ferreira, 2023.



Figura 8 - Roça de pimenta de Júlio Beré. Simone Farias, 2023.



Figura 9 - Produção de beiju, por mulheres Pataxó: Marilândia e Tamikuã. Simone Farias, 2024.



Figura 10 - Farinha de mandioca. Simone Farias e Tamikuã Pataxó, 2024.



Figura 11 – Artesanato Pataxó de Caiak de Arruda, Arquivo de Pedro Henrique e Tamikuã Pataxó, 2023.



Figura 12 - Esteiras produzidas por dona Maria do Carmo. Simone Farias, 2023.

Então vamos fazendo o trajeto até chegada a aldeia Boca da Mata, seguimos de acordo a atualidade da aldeia, depois de tupiniquins, temos moradores que moram em pequeno lugar que conhecemos como Maria Viúva.

Seguimos a caminhada, onde mais acima moram outras três famílias, uma delas é composta por Valter Ferreira de Araújo, cujo apelido é “Cutia”, onde elas trabalham com agricultura e artesanato.



Figura 13 - Casa de Cutia. Sinone Farias, 2024.

Então seguimos a nossa caminhada, mas acima logo a subida da ladeira de Antônio José como já diz o nome da estrada, então a família de seu Antônio e família mora acima da ladeira e tendo como vizinho pessoas da que faz parte da família como seu Domingo banha, mas conhecido com Domiguinho um grande ancião da nossa comunidade onde ele participa dos movimentos apesar da idade consegui acompanhar as lutas de perto isso é motivo de muito orgulho poder ver a interação deste ancião com toda a comunidade, vamos continuar logo mais à frente temos o Jucimário neto do seu Domingo, e do lado tem o Romildo Alves Barreto que é umas das pessoas que é de grande importância dentro da comunidade pois sempre está presente em ações dentro da comunidade.



Figura 14 - Estrada que dá acesso a entrada da comunidade. Simone Farias, 2023

Seguimos rumo a casa da finada Helena Ferreira dos Santos Pereira, um membro muito respeitado dentro da comunidade onde sua residência fica próxima a mata do Parque Nacional junto ao seu terreno moram os seus filhos, vamos seguir a nossa caminhada, então retornamos para o centro da comunidade, logo a frente temos a cabeça da ladeira é como chamamos este lugar onde moram algumas famílias.



Figura 15 - Casa de dona Helena. Simone Farias, 2023.

Seguimos caminho então chegamos à casa de Ivan Ferreira Santana juntamente com mais 22 famílias.

Vamos seguir a caminhada, e logo depois da descida ladeira moram a família de seu Nego Catitu, um dos líderes da comunidade, que traz consigo um conhecimento sem igual suas medicinas através de pomadas, chás, e conversas que acalma qualquer parente, pois traz em sua fala uma sabedoria tão importante a qual tenho a felicidade em conhecer esta grande liderança em frente ao terreno do líder Nego Catitu, temos mais três famílias.



Figura 16– Rua da casa do líder Ivan Santana e Ladeira de Zezitão. Simone Farias, 2023



Figura 17 - Casa dos lideranças. Simone Farias, 2023.

E vamos descendo mais uma ladeira, passamos por um pequeno córregochamado de Joaquim do Sapé, então vamos lá continuar nossa caminhada.



Figura 18 - Ladeira de dona Leriana e Córrego Joaquin do Sapé. Simone Farias, 2023.

Logo a frente temos mais uma lago que é conhecida por todos os moradores como “Lagoa de seu Arcísio”, uma pessoa que foi muito importante dentro da comunidade pois era um dos sambadores dos festejos da comunidade, mas que já foi morar com os encantados, deixando seu legado dentro da comunidade.



Figura 19 - Acesso a lagoa de seu Arcísio. Simone Farias, 2023.

Então vamos a diante, temos a família de dona maria do CarmoBraz dos Santose filhos, que são um dos produtores de umas das melhores farinhas da comunidade, e dona Maria do Carmo é uma produtora de esteira de taboa que uma das tradições que aos poucos vem se perdendo, mas essa senhora até o momento pratica esta tradição, mas vamos seguindo o caminho, e logo na subida ladeira tem a casa da minha irmã Mônica Farias de Jesus, e logo acima temos a família do diretor da nossa escola Jovino de Jesus Ponçada, onde convive com seus irmão e cunhados em um terreno grande da Aldeia.

E logo em frente mora dona NeuzaBernardo dos Santos e filhos, e no fundo da casa de dona Neuza mora a família de minha tia Maria da Conceição, onde fica localizado o nosso centro cultural onde acontece os rituais sagrados durante as sextas-feiras de todo os meses, onde também acontece as reuniões familiares e da associação, local onde qualquer pessoa se sente à vontade em está presente, poque é um ambiente acolhedor e que traz um ar de ancestralidade e espiritualidade pois a família toda trabalha voltado para a tradições culturais, seja através da

produção de artesanatos ou pela prática da produção de rapé, ou até mesmo a agricultura familiar, a produção de beiju, ou farinha para a venda dentro da comunidade, essa família está na comunidade desde a sua criação, então vamos continuar nossa caminhada.



Figura 20 - Entrada da casa de tia Conceição. Niomaktxy Pataxó, 2024.



Figura 21 - Centro Cultural do Ritual Sagrado. Niomaktxy Pataxó, 2024.

A nossa aldeia tem uma divisão que nós dizemos que é a rua do centro, a rua da escola, a rua do campo e a rua da parte de cima da escola, então vamos começar falando da rua da

escola, onde mora dona Maria Braz dos Santos, juntamente com mais vinte famílias aos arredores da escola.



Figura 22 - Acesso a escola Boca da Mata. Simone Farias, 2024.



Figura 23 - Estradas que dão acesso a escola. Simone Farias, 2024.



Figura 24 - Escola PataxóBoca da Mata. Arquivo da Escola Pataxó Boca da Mata, 2023.

No morro da caixa d'água temos a família de Miravaldabraz de Jesus, juntamente com mais seis famílias, temos também a cooperativa da comunidade de extrema importância para as lutas e conquistas da comunidade, essa rua faz divisa com o Parque Nacional do Monte Pascoal.



Figura 25 - Morro da caixa d'agua. Arquivo de Arenilson Braz, 2024.



Figura 26 - Cooperativa da comunidade da aldeia Boca da Mata. Simone Farias, 2023.

Então vamos para a rua do centro, na descida ladeira temos a casa de seu JoséFrancisco do Rosário, juntamente com mais cinco moradores, é clarominha casa,logo em frente à casa de Marcio Farias de Jesus que é meu irmão e mais no fundo quintal mora meu irmãoKaleby Farias de Jesus, e temos como vizinhos mais duas famílias, então vamos continuar nossa caminhada.



Figura 27 - Estrada que dá acesso a escola da comunidade, Arquivo da Escola Pataxó Boca da Mata, 2023

Até o centro da comunidade, temos uma mercearia e logo em frente tem a casa de Arnaldo Santos de oliveira e família, logo em frente tem a casa de Maria Senhora Braz Dos Santos, juntamente com mais 10 famílias, morando acima do campo de futebol, e o senhor José Raimundo Santana (Patxyo) um dos anciãos que venho adquirindo grande aprendizado com ele, pois tive a oportunidade de ser sua aluna, e hoje é meu companheiro de trabalho, onde sua família tem uma grande participação dentro da comunidade.



Figura 28 - Professor Patxyo junto com alunos dos segmentos fundamental II e médio. Arquivo Rayki Rocha de Jesus, 2023



Figura 29 - Centro da comunidade. Chiquinho, 2023.

Ejá na parte de baixo do campo mora Elismarcia, umas professoras de dentro da comunidade, juntamente com mais onze famílias e temos também uma extensão da escola Boca da Mata.



Figura 30 - Extensão da escola Boca da Mata. Simone Farias, 2024.



Figura 31 - Extensão da escola e acesso ao rio da comunidade. Simone Farias, 2024.

Temos também a família de Dona Doró, onde ela tem como filha uma benzedeira que é chamada de Eliene Dos Santos Braz, a “Veia”, onde já tive a felicidade em ser benzida e abençoada por sua ancestralidade e conhecimento das rezas e curas Pataxó.

Tendo como vizinhos meu pai Júlio que ao qual eu estou fazendo o meu trabalho de percurso, e meu irmão Renato Farias de Jesus, “Renato Atxuãb”, que é o atual cacique da minha

comunidade onde logo para frente irei falar mais sobre os dois, e eles tem como vizinhos seu Benedito Pinheiro de Araújo, e meu tio Gilson Farias do Nascimento.

E vamos seguindo para a rua de cima passamos pelo rio chamado Bala Doce, onde mora Itucuri Santana. Próximo a ele moram mais quatro famílias, sem deixar de colocar um nome muito importante para minha comunidade, casa de Emanuel Santana, que por muitos anos foi cacique, e Pajé até o final de sua vida, mas que deixou um legado muito importante para o povo Pataxó.



Figura 32 - Acesso ao rio Bala Doce e casa do pajé Santana. Simone Farias, 2024.

Tendo como vizinho seu filho e liderança da comunidade Antônio José Santana Procópio deixando seu legado passado de pai para filho como é de costume na nossa tradição, ele tem como vizinho mais onze famílias aos arredores do posto de saúde de nossa comunidade, onde presta atendimento durante toda a semana.



Figura 33 - Posto de saúde da comunidade. Simone Farias, 2023.

Seguimos nossa caminhada e temos o morador Jovanildo de Jesus Souza um trabalhador da Escola de Boca da Mata que atuou como liderança por muitos anos dentro da comunidade, juntamente com mais sete famílias.



Figura 34 - Acesso à saída da comunidade. Simone Farias, 2023.

Seguindo adiante, mora Evanete, uma colega de trabalho que vem se dedicando há muitos anos na área da educação, claro não poderia deixar de falar de Dona Floriza, onde Dona Floriza é uma parteira importante dentro da comunidade a qual ajudou durante o parto do meu primeiro

filho,e junto a ela moram mais quatrofamílias,descendo a ladeira de seu Mocotó, como é chamada pelos moradores.



Figura 35 - Ladeira de Mocotó. Simone Farias, 2024.

Vamos de encontro com as últimas famílias da aldeia, a famíliade Dona Cirnalra Braz da Conceição e mais três famílias.



Figura 36 - Acesso à aldeia Cassiana e ao Parque Nacional do Monte Pascoal. Simone Farias, 2023.



Figura 37 - Ponte que dá acesso a comunidade. Simone Farias, 2023.

Então assim finalizamos nosso mapa falado e ilustrado através de fotos.

4. BIOGRAFIA DE MEU PAI

4.1. Origem familiar, trabalho e escolarização

Seu Júlio Farias do Nascimento, mais conhecido como JúlioBeré, é natural da Aldeia Barra Velha, também conhecida como Aldeia Mãe dos Pataxó. Ele nasceu no dia 29 de junho de 1964. Seus pais eram: o senhor Valdomiro Farias do Nascimento e a senhora Emiliana Alves da Conceição, com os quais conviveu até a idade de dezesseis anos. Em Barra Velha seus pais trabalhavam com roças, com a pesca e com caçadas. Seu Júlio estava presente em todas essas atividades e aprendeu assim, desde pequeno, a maneira de subsistência da família e cultivou um sentido de responsabilidade em relação a produção de farinha junto com os pais. Esta farinha, depois de produzida, era comercializada em um vilarejo próximo à comunidade, hoje conhecido como Montinho, distrito do município de Itabela/BA.

Júlio Beré foi o sexto filho do casal e teve um total de oito irmãos, sendo eles: José Farias do Nascimento (Zebedeu), Antônio Farias do Nascimento (Antônio Grande), Claudionor Farias do Nascimento (Banha), Maria da Conceição Farias do Nascimento (Conceição), Claudinei Farias do Nascimento (falecido com 2 anos de idade por sarampo), Edivaldo Farias do Nascimento (falecido antes de completar dois anos por causa desconhecida), Florisvaldo (Fulô) e Gilson (DVD). Todos trabalhavam juntos para o sustento da família, permaneceram por um tempo na aldeia Barra Velha e hoje apenas Antônio e José permanecem por lá, enquanto Júlio, Fulô, Gilson e Conceição moram atualmente em Boca da Mata.

Em 1977, aos treze anos de idade, seu Júlio Beré começou a estudar na Aldeia Barra Velha, com a professora Ilza Fernandes. Lá cursou a primeira série do ensino fundamental, onde pôde aprender a ler e a escrever com esta professora que era da equipe da Funai. Esta foi a primeira turma da escola em Barra Velha e seus colegas de turma eram Valto, Neide, Chiquinha, Maria da Silva, Salvino e Zael. Apesar de entrar na escola ainda jovem, seu Júlio Beré recorda ter aprendido a ler e escrever com seu irmão mais velho, José Farias do Nascimento, mais conhecido como Zebedeu. No entanto, as dificuldades daquela época, seu Júlio Beré foi forçado a abandonar a escola e os estudos para ajudar a família nos trabalhos e assim manter seus pais.

4.2. Trabalho, deslocamento e constituição familiar

No ano de 1980, seu Júlio Beré saiu da casa de seus pais para trabalhar em uma fazenda chamada Água Azul, localizada no pé da serra do Gaturama, no município de Prado. Nesta fazenda, seu Júlio Beré realizava trabalhos braçais, como roçar cacau e colher os frutos. Seu irmão Claudionor também se deslocou até a fazenda para trabalhar. Seu Beré conta que na fazenda havia muitos outros indígenas trabalhando por lá também e que ficavam todos juntos numa casa da fazenda. O nome de seu patrão era Vilson e a relação com os patrões costumava ser boa pois pagavam em dia. Lá produziam cacau, banana e jaca. Ele permaneceu nesta fazenda por aproximadamente seis anos, voltando para sua comunidade, a Aldeia Barra Velha, aos vinte e um anos de idade.

Na Aldeia Barra Velha continuou ajudando sua família. Logo após seu retorno à aldeia, conheceu a senhora Creonice de Jesus Silva, com quem se casou aos vinte e dois anos, dando assim início a sua própria família, já na aldeia de Boca da Mata. Seguindo o que aprendeu com seus pais, seu Júlio Beré veio a sustentar sua família por meio de roça, caça e pesca. Logo depois, seu Júlio Beré e família se mudaram para a localidade chamada Campo do Boi, que por sua vez fica localizada entre a aldeia Barra Velha e Boca da Mata. Neste local também trabalhavam com roça, caça e pesca, além de criarem animais como porcos e galinhas. Seu Júlio Beré lembra que naquela época havia muita fartura.

Quatro anos depois, seu Júlio Beré saiu da localidade do Campo do Boi e retornou novamente para a Aldeia Boca da Mata. Isso se deveu sobretudo porque não havia escola no Campo do Boi, o que fazia com que seus filhos e filhas ficassem afastados da escola e dos estudos. Durante este período, seu Júlio Beré e dona Creonice tiveram sete filhos: Renato Farias de Jesus, que nasceu na aldeia de Boca da Mata em 1988; Fernanda Farias de Jesus (Dona Madalena foi a parteira) que nasceu em 1989; Mônica Farias de Jesus, que nasceu em Boca da Mata no ano de 1991; Simone Farias de Jesus (Conceição foi a parteira), que nasceu no Porto da Palha em 1993; Kaleby Farias de Jesus, que nasceu em 1996 em Boca da Mata; Márcio Farias de Jesus, que nasceu no ano 2000 e o caçula Alexandre, que nasceu em 2003.

4.3. Luta pelo território e participação comunitária

Após o retorno da família à Boca da Mata, seu Júlio Beré começou a participar ativamente das

reuniões da comunidade. Naquela ocasião as discussões estavam relacionadas às ações que seriam feitas na comunidade quanto a uma retomada da área do Parque Nacional do Monte Pascoal (criado em 1961 em pleno território de Barra Velha). Esta retomada teria sido frustrada devido à falta de apoio dos próprios companheiros, especialmente por falta de apoio de outras comunidades, e pelo fato de que teriam sido convencidos a desistir pelo delegado Chicão da Funai.

No ano de 1999, seu Júlio Beré estava ao lado do cacique Alfredo Santana e do vice Oziel Santana durante a reunião que aconteceu na igreja de Boca da Mata e que reuniu as comunidades da Aldeia Boca da Mata, Aldeia Meio da Mata, Aldeia Corumbauzinho, Aldeia Caramuru, Aldeia Coroa Vermelha e Aldeia Imbiriba. Nesta reunião, realizada na noite do dia 18 de agosto de 1999, o principal ponto de pauta foi novamente a organização da retomada do Parque Nacional do Monte Pascoal. Nesta reunião ficou combinado que a comunidade sairia às duas horas da madrugada. Devido ao mau tempo e à chuva muito forte, que durou a noite toda, a viagem acabou atrasando e a comunidade só saiu às cinco horas. O povo saiu a pé da Aldeia Boca da Mata e durante o percurso foi juntando mais pessoas da aldeia Cassiana. Ao subirem o Parque em busca da retomada, chegaram lá por volta das seis horas da manhã. O grupo estava composto por mais de oitenta indígenas, todos homens, com exceção de uma mulher indígena, Lelian. No Parque se encontravam dois seguranças e um guarda florestal, este último mais conhecido como Sinqvara, esse guarda já havia feito muitas ações contra os indígenas sendo elas, prisão, espancamento e maus tratos.

Essas ações aconteciam dentro da extensão do Parque Nacional do Monte Pascoal. As crianças e mulheres foram chegando ao local da retomada do segundo dia em diante. É importante lembrar que esta retomada foi totalmente pacífica, mesmo porque os indígenas estavam lutando pelo seu território, onde os indígenas pediram a desocupação daquele espaço de maneira pacífica. Com dois dias de retomada, alguns órgãos, como a FUNAI, o IBAMA, propuseram a desocupação do local em troca de bens materiais. No entanto, como os indígenas estavam lutando por seu território, recusaram toda e qualquer proposta em relação a bens materiais. Os indígenas permaneceram no território do PNMP por algum tempo sendo que cinco famílias permaneceram por mais tempo, sendo elas a família do senhor Oziel, de Alício, de Fubica, de Edvaldo e do Zé Durim. Outras famílias também ficaram no Parque por um tempo, no entanto, logo retornaram para suas aldeias. Após a ocupação bem-sucedida, o senhor Júlio Beré permaneceu no Parque por sete meses como motorista voluntário. Logo

depois foi criada uma equipe de brigadistas voluntários da qual ele também fazia parte. Nesta equipe ele trabalhou por três anos em prol da sua comunidade.

No ano de 2003, o senhor Júlio Beré foi escolhido pela comunidade para ser representante e cacique da Aldeia Boca da Mata, tendo viajado para Brasília, Salvador e Ilhéus em busca de melhores condições para seu povo. No ano de 2004 houve nova reunião, em que foi discutida a possibilidade de uma nova retomada na fazenda de Ordello, localizada ao lado da Aldeia Boca da Mata, na outra margem do Rio Cemitério. O povo concordou com a proposta do cacique Júlio Beré em retomar esta fazenda. Assim, a comunidade se reuniu novamente e às seis horas da manhã, um grupo com cinquenta pessoas, aproximadamente, chegou pacificamente na fazenda em busca de retomar suas terras. O grupo conversou com o proprietário Ordello e logo depois ele entregou a chave da sede da fazenda juntamente com outras chaves da propriedade.

A comunidade ocupou a fazenda por sete meses, trabalhando na plantação de roças de mandioca, feijão, milho e melancia. O povo estava feliz, no entanto, devido à falta de competência das autoridades em favor das lutas indígenas pelo território e demais direitos, o povo acabou sendo retirado à força da fazenda por policiais e pistoleiros. Uma vez mais, por falta de apoio, a luta dos Pataxó pela terra foi desacreditada e negada por aqueles que deveriam nos apoiar. Sendo assim, os índios retornaram à Boca da Mata sem a esperança de conseguirem a garantia de seus direitos, mais uma tentativa de tirar o povo da mata para que a preservem. O senhor Júlio Beré tentou inúmeras vezes reivindicar os direitos de seu povo, mas sempre encontrou empecilhos que dificultaram sua vida como representante e cacique.

Apesar das muitas dificuldades ele conseguiu trazer muitos benefícios para a comunidade, sendo eles a criação da Associação Comunitária com índios de Boca da Mata e da aldeia vizinha, Cassiana. O nome da associação era CAIBOMA e, através dela, a comunidade e o cacique criaram roças em prol de beneficiar todo o povo da aldeia. Produziam milho e feijão, não tinham financiamento de fora, eram os próprios cooperados que compravam o material. A colheita era sempre distribuída para toda a comunidade, mas, por falta de financiamento a cooperativa deixou de existir. A roça ficava na Cassiana e seus principais participantes foram: Zirido, Carreiro, Benedito Bau, Antônio Braz, Naldo e Barrigudo, todos da aldeia Cassiana. E Epifânio, Nelson, Renito, Moreno (Primo), da aldeia Boca da Mata. A roça estava localizada entre a divisa de Cassiana e do Parque.

Depois de muitas lutas e por falta de apoio, o senhor Júlio renunciou a seu cargo de cacique em 2004. Sendo assim, quem assumiu logo depois foi seu sobrinho Gigipati Farias do Nascimento. Deixando o cargo de cacique, o senhor Júlio Beré voltou a plantar roças e criar animais, sempre trabalhando ao lado de sua família. Em 2015 houve uma nova reunião na comunidade junto com as lideranças e o cacique. Nesta ocasião decidiu-se a retomada do território Barra Velha. Nesta reunião estavam presentes representantes de várias aldeias, como as de Boca da Mata, Corumbauzinho, Craveiro, Trevo do Parque, Guaxuma, Pé do Monte, Aldeia Nova, Meio da Mata, Águas Belas, Cassiana, Coroa Vermelha. Caramuru, Jitaí, Alegria Nova, Boa Esperança, Toca da Gia e Barra Velha. Todas as comunidades permaneceram por oito meses próximo à BR 101, onde receberam o apoio. O acampamento da 101 se localizava na fazenda de Lito Ruim, perto da entrada que dá acesso à aldeia Boca da Mata. Neste local as comunidades plantaram roças de mandioca, milho, feijão, abacaxi, cana, além de uma horta que abastecia a Aldeia Boca da Mata. Contudo, além de passar muitas dificuldades em relação a estadia, saúde, alimentação e falta de apoio, o povo também foi expulso e massacrado pelo poder dos militares. Outra vez, a falta de apoio aos índios por falta de comunicação dos órgãos competentes resultou em uma reintegração de posse violenta, prejudicando mais uma luta pelo nosso território, que sabemos, temos direito a viver em nossa terra.

4.4. Com a palavra, seu Júlio Beré

Hoje sou liderança da minha comunidade e não abro mão das lutas e nem da minha voz, porque hoje temos o direito de falar e pensar livremente, porque somos os primeiros habitantes desta terra e devemos lutar pelos nossos direitos sem esquecer das histórias e das lutas vivenciadas pelos nossos anciãos. É por isso que eu estou contando minha história: para mostrar a importância em registrar as verdadeiras histórias do nosso povo Pataxó. E sempre firmando e reafirmando a cultura e as tradições, que têm de ser valorizadas e preservadas pelo nosso povo Pataxó. Continuo participando da vida da minha comunidade, em reuniões, conversas e ações comunitárias. Hoje, espero que nossos jovens tenham a preocupação em manter viva as histórias em relação a nossa Aldeia Boca da Mata. E que venham ainda muitas conquistas em prol da nossa comunidade, porque eu sempre estarei aqui pronto para defender e lutar por minha Aldeia Boca da Mata.

5. ENTREVISTA COM PESSOAS QUE PARTICIPARAM DA TRAJETÓRIA

5.1. Luís Francisco do Nascimento



Figura 38 - Luís Francisco do Nascimento. Simone Farias, 2024.

O senhor Luís Francisco do Nascimento um dos primeiros moradores da comunidade da Aldeia Boca da Mata, um senhor que desde muito novo se dedicou à plantação e à cultura tradicional de seu povo, veio muito jovem para a aldeia Boca da Mata, em busca de melhores condições de vida, para sua família, quando chegou na comunidade havia poucos moradores, e como naquela época tinha muita mata e muita fartura de tudo, ou seja de alimentos, tinha muitas opções como a pesca em um rio da comunidade, mas seu Luís sempre foi muito ativo nas plantações como, feijão, milho, mandioca, coco, laranja, abacaxi, lembro me que nos finais de semana reunia toda a família para um almoço na casa de minha tia, que é esposa do senhor Luís, chamada Maria da Conceição, e com ela ele teve 10 filhos sendo eles, Lidiomar, Roberto Carlos, Gigipati, Leonides, Junior, Romário, Ronaldo, Ronialdo, Ronei e Aricuri.

Dentre esses filhos um grande liderança como o senhor Luís, o chamado Gigipati, que teve sua vida tirada dentro da própria comunidade, devido a violência vivenciada no ano de 2022, mas seu Luís fala que tem muito orgulho de todos seus filhos porque todos são trabalhadores e

desenvolvem a cultura dentro da sua comunidade. Para ele a cultura e a tradição são peças muito importantes para manter viva as tradições e costumes, tanto que construiu um centro cultural em frente à sua casa, onde acontece os rituais sagrados todas as sextas-feiras, é das formas que ele acredita que está contribuindo para o fortalecimento da cultura dentro da aldeia Boca da Mata.

Como mencionei acima ele é um dos anciãos que mantem viva a produção de farinha e beiju dentro da comunidade, com sua própria plantação conseguiu desenvolver esse trabalho e assim trazendo mais uma forma de subsistência para sua família, sua plantação hoje é considerada como o quintal produtivo que faz parte de um projeto de produção de alimentos no fundo de casa. O senhor Luís é um grande exemplo de luta e liderança que até os dias atuais participa de retomadas, paralizações e manifestações culturais dentro da comunidade, como a festa de reis, ele é um dos mais antigos sambadores, como nós chamamos de Tinderê, com o domínio de todas as canções cantadas durante esse festejo, sem sair da tradição todos os anos ele e família é festeiro desse momento tão especial e de fé, e assim fortalecendo as lutas, sem esquecer que a família tem um papel muito importante, porque ele passa esses ensinamentos para todas as suas gerações, filho, neto, bisneto, enfim para todos parentes, isso é de extrema importância para nosso povo não deixar a nossa cultura ser adormecida, e nem ser esquecida, ele também é um artesão de mão cheia, produz muitos materiais de cipó, como, balaio, suru, tapagem, cesto, e algumas armadilhas como, laço, arapuca, quebra-dentre outros que são usados para a caça e pesca.

Falar sobre seu Luís é falar de ancestralidade, sabedoria e muita dedicação, ele é um homem de grande ensinamentos através das suas ervas medicinais, suas garradas, chás e banhos e suas rezas poderosas que nos trazem uma sensação de alívio e confiança para aqueles que o procuram.

LOCAL DE MORADA: Aldeia Boca da Mata, T.I Barra Velha

LUTAS E CONQUISTA DENTRO DO TERRITÓRIO:

DIFICULDADES DURANTE AS LUTAS:

FAMÍLIA: data da entrevista 08/04/2024 às 18h30.

Simone: Quantos anos você tem, Luís?

Luís: Eu tô com sessenta e oito.

Qual o nome da sua esposa?

Maria da Conceição.

Você tem quantos filhos hoje?

Eu tenho, por tudo, 10 filhos.

Você sabe o nome de todos eles?

Um, é, tem uma mais velha, chama de Lidiomar O outro chama Roberto Carlos, Gigipati, Leonides, Peba Junior, O outro era Romário, Ronaldo, Ronialdo, Ronei, Aricuri.

Como foi sua experiência como liderança da sua comunidade?

Minha experiência com a comunidade era o trabalho eu sei, porque eu mesmo, quando eu entrei, eu não conhecia nada, não sabia falar direito, é verdade. Nem andava no comércio com ninguém, não sabia. Mas, finalmente, fui entendendo, me juntei com o Nailton e outros lideranças, com o pessoal do CIMI. Entrei em coligação com eles, a gente tentava fazer o possível em reuniões e viagens. Quando eu fui aqui pra São Paulo, foram 10 meses em São Paulo, e dentro desses 10 meses, foi quando nasceu a reunião da COPAÍBA, eu tinha COPAÍBA lá todinha. Eu saí daqui da minha aldeia para Eunápolis ficava lá três dias aí depois ia pra Coroa Vermelha e ficava quinze dias, a luta não parava, todos contavam com a gente, a gente lutando. Eu conversei e falei para o pessoal, gente, no primeiro dia que eu cheguei na reunião, no salão de reunião, em Porto Seguro, no momento de reunião, no salão, levantado, cheguei pra falar. Só eu de cacique, mas não me intimidei porque ali estava entre parentes e sabia o que dizer, as necessidades da minha comunidade.

Qual é a sua participação hoje dentro da comunidade?

Minha participação hoje dentro da comunidade, é eu sempre estar conversando com a turma e reforçando cada um deles com palavras de incentivo porque para vivermos dentro de uma comunidade temos que ter união, abraçar um ao outro, porque as lutas dependem de todos. Se a pessoa tem o apoio da comunidade ele tem força na luta pra chegar ao seu objetivo. Essa parte eu expliquei para o cacique, que quando ele veio aqui, eu estava conversando com ele, e eu disse, não, porque tudo que você fizer, por onde você andar seja honesto e respeitador porque as pessoas observam o seu trabalho, me considero um conselheiro que quer ver minha aldeia em paz e crescendo cada vez mais, e minha participação na comunidade é trazer sabedoria aos mais jovens.

Que ensinamentos você vai levar para sua vida durante o tempo que você foi liderança?

Bom, o ensinamento é esse conhecimento como eu um analfabeto, que não tinha nada, e hoje eu agradeço hoje à Deus, primeiramente, e hoje ser conhecido pelo povo, viu? E pra eu comprovar no meio de muito que hoje, sabe, a leitura, quem diz assim, não, eu como

analfabeto, eu fui vice cacique, eu fui funcionária na prefeitura, eu trabalhei com Ibama, e não é todo mundo que tem esse poder de chegar num ponto desse, né? Quer dizer, pra saber como é o poder da força de vontade de cada um.

Hoje você também faz parte do grupo de samba, da comunidade?

Eu faço parte do samba, quanta vida eu tiver, eu não posso me esquecer, eu faço parte do ritual. Quando eu chegava das reuniões eu ensinava os meus filhos a fazer o fogo no meio do terreiro. Ensinava os meninos, tudo pequeno aí, pra poder dançar, cantar, pra o menino aprender. O que os meninos aprenderam foi comigo, através das lutas e deixo o conhecimento para minha família que tem uma linhagem de lideranças.

Em quais movimentos você esteve presente junto com Júlio Beré?

Esteve presente com ele, quando ele pegou o cargo de cacique, nós, estávamos presentes do lado dele, acompanhando ele, pois em todas as retomadas eu e minha família estive com ele viu? E sempre conversei com ele, passei para ele minhas lutas e dificuldades falei também para ele se proteger porque tinha muitas pessoas de olho no trabalho dele, plantamos e colhemos juntos nossas famílias sempre lutaram com o mesmo objetivo em ter o melhor para nosso povo.

E quanto tempo sua família ficou na retomada do Pé-do-Monte?

No Pé-do-Monte eu fiquei três anos e oito meses.

Você lembra quanto tempo que ficou nessa retomada que teve aqui nessa fazenda de Ordelo?

Nessa linha não sei quanto tempo fiquei.

Quais são suas palavras para os jovens que têm sonho em ser liderança em sua comunidade?

O sonho é que quando os meus meninos entraram como lideranças, eu sempre vinha explicando pra eles o que é ser uma liderança, em primeiro lugar fazer bom trabalho pra todo mundo. Não é só o cara escolher sua família e como escolher o povo. Porque a pessoa pra trabalhar, ele tem de ser uma pessoa unida com todo mundo. Porque o cara não gosta da pessoa. Não, mas vamos chegar nele. Porque dentro de uma comunidade nem todos iram se dar bem, mas para o bem de todos devemos nos dar bem com todos. Esse é o sonho que eu tenho de hoje. Viu? É com grande orgulho que observo o trabalho do novo grupo lideranças da qual meus filhos fazem parte e cada um deles tem provado a capacidade de cada um em lutar pelo povo, aí, todo mundo lá fora conheceu o trabalho deles, não só a Aldeia de Boca da Mata que reconheceu o trabalho deles, foi o povão, aí nossa aldeia ficou conhecida a nível nacional e internacional, nosso povo acordou. Um cara novo o cacique Renato. Ele nunca saiu daqui sozinho. Ele saía daqui sempre com os meninos. Mas o que sempre ia nas viagens

acompanhando o cacique era Aricuri. Quer dizer, por quê? Por quê? Porque eu falei, é só tem que puxar o povo e a união, se unir, porque ali tem força, um povo depende de um líder forte e que tenha coragem de sair e correr atrás de melhorias para sua comunidade.

5.2. Creonice de Jesus Silva



Figura 39 -Cleidiane Alves da Rocha pintando Creonice para a paralização da BR 101. Simone Farias, 2024.

Falar dessa mulher é motivo de muita felicidade porque é falar de uma mãe, companheira e amiga, uma mulher que nunca fugiu da luta, desde muito nova sempre trabalhou juntamente com sua família, para ter o melhor para seus filhos. Quando ela se casou com meu pai, passaram a morar em lugar chamado campo do boi, mas de acordo o tempo foi passando ela pode perceber que a situação naquele lugar era muito difícil, o acesso a cidade, a escola para seus filhos, foi quando se depararam com seus filhos grandes é precisando estudar, logo em seguida tomaram uma decisão em se mudar para a aldeia Boca da Mata, onde os seus sogro já residiam, a um tempo, então se deslocaram para essa aldeia onde permanecem até os dia de hoje, onde criaram os sete filhos e netos, sem esquecer que essa mulher já vem a muito tempo participando dos movimentos, retomadas, ela sempre diz que não podemos deixar nossas lutas serem em vão, porque cada ancião que passou por esta terra deixou seu legado para nos continuar as suas batalhas como a demarcação do nosso território.

Como de costume acorda cedo todos os dias para cuidar de suas criações, plantações apesar de não aguentar fazer os trabalhos pesados na roça, ela continua a ir fazer sua capina, e suas colheitas, na sua roça tem banana, aipim, cacau, mandioca, coco, laranja, abacaxi dentre outro ela tem muito orgulho de sua roça.

Ela tem sua família como base, para todos os movimentos sempre está de frente como eu costume dizer a senhora é o esteio de nossa casa, com sua sabedoria, e ensinamentos e grande força para conseguir se erguer o tempo todo, como meu pai foi liderança por um tempo ela contava que era muito difícil a ausência dele dentro de casa, mas ela entendia a importância dele para a comunidade, cada luta e conquista dele era a conquista dela também. Durante as retomadas ela sempre esteve presente com toda família, para assim dá força ao meu pai, e quando meu irmão se tornou cacique, foi mais uma luta a ser enfrentada, ela como mãe e conselheira dele, tinha o papel muito importante nas tomadas de decisões, porque toda mãe quer o melhor para seu filho. Quando meu irmão viajava, sempre vi ela rezando pedindo proteção à Deus e ao seus santos, para que tomasse conta do meu irmão durante cada luta, isso é motivo de orgulho para mim, porque ela sempre foi uma mãe que nos apoiou em tudo, e permanece até hoje na luta, permanece na autodemarcação, com sua roça e suas hortas, juntamente com nossa família.

IDADE:

LOCAL DE MORADA: Aldeia Boca da Mata

PARTICIPAÇÃO DENTRO DA COMUNIDADE:

LUTAS E CONQUISTA DENTRO DO TERRITÓRIO

DIFICULDADES DURANTE AS LUTAS

FAMÍLIA:

CONVIVÊNCIA COM JÚLIO:

Data: 09\04\2024 às 18:00

Simone: Como é ser esposa de um liderança?

Creonice: Como é ser esposa de um liderança? Esposa de um liderança é ser uma esposa que ajuda também o liderança, o esposo, dentro da comunidade. Muitas vezes o liderança tira da sua casa o seu próprio sustento da sua casa para ajudar a própria comunidade, né? E aí, muitas vezes, a comunidade, ele não tem apoio, né? Não tem apoio da própria comunidade para

ajudar ele, ele viajar, é muito difícil, muita dificuldade para ele deslocar daqui para Brasília.

Para a senhora como esposa quais foram as maiores dificuldades enfrentadas durante as retomadas?

A dificuldade que nós tivemos, porque... na época, meu esposo era cacique. Na primeira retomada, meu esposo era cacique, né? E ele não teve apoio de ninguém pra ajudar ele nessa retomada. Nós passamos fome, nós passou necessidade. As polícias veio, tirou nós da retomada, a força. E nós queria, nós queremos as nossas terras demarcadas pra nós plantar, nós criar. E nós não tivemos apoio desse próprio governo que nós tivemos na época. E também a FUNAI também não apoiou nós. A própria comunidade também não apoiou a gente. Poucas famílias. Aí a polícia foi lá e tirou nós.

Fala para mim sobre a retomada de 2014. Quais foram as principais dificuldades que foram enfrentadas durante esse processo dessa retomada por sua família?

Essa retomada de 2014 foi muito difícil pra gente. Minha família, sempre minha família participou dessas retomadas todas. Sempre a gente foi presente, né? E aí a gente, as polícias vêm, as polícias vêm... dando um tiro de borracha na gente, os pistoleiros. Meu filho foi levar uma mulher pra ter criança lá no hospital, fizeram a enroscada pra ele no meio da estrada, tocaram fogo na ponte, atiraram em meu filho, meu filho quase morre, só não morreu que Deus não deixou. Caíram no brejo, saíram cortando de tiririca, saíram todo melado de lama. O vidro do carro que eles atiraram ainda pegou no olho de meu filho. Aí foi muito difícil, né, pra gente como índio, né? Aí a gente quer as nossas terras demarcadas pra nós ter mais um sossego, pra nós trabalhar, nós criar, nós plantar. Nessas retomadas, a família da senhora teve alguma produção na agricultura? Plantou alguma coisa? A gente plantou feijão, plantamos milho, plantamos mandioca, plantamos coco. Aí na hora de nós colhermos esse feijão, esse milho, essa mandioca.

Como mãe qual foi o sentimento em ver seu filho como liderança da sua comunidade? Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas por ele? Como mãe, qual foi o sentimento em ver seu filho como liderança da sua comunidade?

Eu como mãe, eu tenho muito orgulho de ver meu filho como uma liderança, porque ele sempre foi uma pessoa que sempre ajudou a comunidade, ajuda, né? Como o pai foi cacique, aí passou pra ele, ele também como um jovem, né? Eu tenho muito orgulho de meu filho. Ele sempre ajuda a comunidade, ele tem uma associação, que eles fizeram essa associação pra... Ele não pensa só nele, ele pensa no povo, sempre ajudou e ajuda a comunidade. Por isso eu tenho muito orgulho de meu filho.

Quais foram as principais dificuldades enfrentadas por Renato Atxuãb durante a sua

gestão como cacique?

É a dificuldade que ele teve, porque ele não teve muito apoio, né? Ele não teve muito apoio, ele ia viajar, chegava lá ele não tinha quase apoio, levava uma barraca, forrava essa barraca lá no chão, entrava debaixo dessa barraca, muitas vezes chovia, a chuva pegava essa barraca, jogava no chão, ele molhava as coisas dele que ele levava tudo, correndo atrás das coisas pra comunidade, né? Sempre foi um guerreiro, sempre foi um guerreiro e sempre vai ser um guerreiro pra ajudar o povo da comunidade dele.

Nesse relato que a senhora faz, a gente está tratando, falando das viagens dele, né? E o que a senhora tem para me falar em relação à autodemarcação? Na gestão de Renato, quais foram as principais dificuldades, diante dos seus olhos como mãe, que ele acabou passando?

Sim, ele viajava muito buscando melhorias para nossa comunidade, ficava vários dias fora de casa, e com a nossa ajuda ele conseguia se manter lá, debaixo de chuva e debaixo de sol. A dificuldade que ele passou, porque ele. Ia para a autodemarcação. E não teve apoio da comunidade, mas nossa família sempre esteve presente dando força e segurança para ele, passamos várias noites acordados com medo de sermos atacados por pistoleiros que viviam a ameaçar meu filho e quem estava ali na retomada, mas graças a Deus, não aconteceu nada com nenhum de nós, mas passamos muitas necessidades lá, como a falta de água e alimentos, foi quando começamos a plantar nossos alimentos. Acredito que as maiores dificuldades que passamos foi a falta de apoio diante tudo que passamos durante os dias que se seguiram na retomada, mas seguimos firmes na luta pelo nosso território.

5.3. Renato Farias de Jesus (Atxuãb Pataxó)



Figura 40 - Renato e sua esposa e filho. Arquivo de Renato Atxuãb

IDADE:

LOCAL DE MORADA: Aldeia Boca da Mata.

PARTICIPAÇÃO DENTRO DA COMUNIDADE: Cacique da Aldeia Boca da Mata, de 2019 a 2023 sua entrada para liderança deu-se por uma votação feita pela comunidade onde foi decidido que Renato seria o cacique da Aldeia Boca da Mata.

LUTAS E CONQUISTA DENTRO DO TERRITÓRIO:

DIFICULDADES DURANTE AS LUTAS:

FAMÍLIA: Cleidiane Alves da Rocha e Raiky Rocha de Jesus.

Data: 09/04/2024 às 20:00.

Renato: Boa noite, eu sou Atxuãb Pataxó, Renato. Farias de Jesus, nasci na aldeia Bocada Mata, no território de Barra Velha.

Em 2019 a 2024, até o mês de dezembro iniciei a minha missão como cacique da minha comunidade, onde disputei a eleição de liderança com o senhor Edimarcos. Disputei com ele e fui eleito para ser cacique dessa comunidade. E onde, quando finalizou a eleição, o Ex-Cacique Alfredo Santana assinou o papel, passando o cargo pra mim e também o Cacique concorrente. Toda a comunidade assinou o documento que a partir daquela data, Renato Farias de Jesus seria o novo cacique da aldeia Boca da Mata por quatro anos.

Durante esses quatro anos, o primeiro desafio da minha vida foi ter uma pandemia da Covid-19, uma pandemia muito complicada, muito difícil, onde, graças à Deus, mesmo eu com pouca experiência, muito pouca experiência, quase não fui ajudado pelas lideranças antigas, né? Não tive muito esse apoio. Eu esperava mais apoio dessas pessoas. Então, meu desafio foi muito grande, né? Muito grande pra caramba. É... Eu peguei as lideranças, né? Que são doze lideranças, né? Mas acaba poucos acompanhando a luta da gente, né? E mais assim, a gente conseguiu muita coisa. Consegui muitas coisas para a comunidade, mas, durante esse período teve a pandemia e a pandemia fez com que a gente ficasse mais concentrado pela comunidade. Consegui muitas coisas para a base, muita cesta básica.

Naquele período, graças à Deus, consegui combinar com a comunidade, que a comunidade ficasse mais dentro da comunidade, não saísse, mas o desafio é muito grande. E graças à Deus a gente conseguiu muitas coisinhas pra nosso território de Barra Velha, no município do Porto

Seguro. Também durante esse período de conquista, graças à Deus consegui projeto de água pra minha comunidade, quanto projeto pra comunidade de Barra Velha, junto com os colegas, conselheiro. Durante minha caminhada eu consegui as passagens de água da estrada da aldeia Boca da Mata.



Figura 41 - Reunião Conselho da Condise-BA e acompanhamento do abastecimento de água da comunidade.
Arquivo pessoal de Renato Atxuãb, 2022 \2023

Também a estrada do Parque Histórico do Monte Pascoal, a gente ajudou a melhorar também. Conseguimos um trator, um trator com todos os implementos. Conseguimos também uma farinheira móvel, conseguimos dois postos artesiano, conseguimos uma contratação de nosso Aizan, de AIS, que quando eu entrei não tinha médico, não tinha carro. A nossa equipe estava, nós estávamos praticamente sem equipe de saúde e graças à Deus o meu esforço, grandes caminhadas, grandes lutas.



Figura 42 - Poço artesiano sendo perfurado cabeça da Ladeira. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023



Figura 43 - Reunião com secretário de educação de Porto Seguro e com coordenador da DISEI-BA, Kaimbé, encontro da SESAI. Arquivo pessoal de Renato Atxuãb, 2023



Figura 44 - Com Weibé Tapebá- Secretário de Saúde Indígena (SESAI) do Brasil Arquivo Renato Atxuãb, 2023.



Figura 45 - Reunião de pais e mestres e com o coordenador da educação estadual da Bahia. Arquivo Renato Atxuãb, 2023.



Figura 46 - Alunos da UNEB durante a paralização da BR 101. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.

O território, graças à Deus, com as conquistas pelo território, a gente, esse novo conselho de Cacique, a gente conseguiu nos organizar, nos planejar, nos reunir mais em nosso território. Tem o Cacique também para Tiburi, da aldeia Quero ver também, grande parceiro, Cacique Neném da Aldeia Corumbauzinho, grande parceiro também. Esses caras, grande parceiro, que me ajudou bastante. O guerreiro Ricardo, superintendente de assuntos indígenas do município de Prado, me ajudou bastante nessa caminhada. Nosso parceiro e amigo Caxixe também da aldeia Pequi, grande parceiro de trabalho. Eu tenho que agradecer muito um cara que me ajudou bastante também, que foi o cacique Aruan, que me ajudou muito, cacique Aruan, tive apoio dele, graças à Deus me apoiou bastante, aprendi muito com ele e até hoje vou andar aprendendo ainda. Cacique Louro da Aldeia Coroa Vermelha, Cacique Siratã da Aldeia da Reserva da Jaqueira, Cacique Fred da Aldeia Mirapé, Cacique Pequi da Aldeia Nova Coroa, porque tem uma honra de falar, né? Zé Fragoso, da Aldeia Tibá, também pessoas que eu me

inspiro, né? Cacique Braguinha, Cacique Zé Fragoso, Vice Cacique Xarú, da Aldeia Trevo do Parque, dona Maria Coruja, da Aldeia Pará, da Aldeia Mãe Barra Velha, pessoa que me ajudou bastante nessa caminhada, o guerreiro, também, que eu esqueci o nome, da Aldeia Velha, que também esteve junto, cacique Reinaldo, grande parceiro, ex-cacique Reinaldo, que pude estar junto com esses caras, foi uma honra. Junto com o cacique Zeca Pataxó também, que foi um grande parceiro que me ajudou bastante nessa caminhada.



Figura 47 - Reunião com Conselho de Caciques T.I Barra Velha e Coroa Vermelha e com lideranças Tohô e Siratã. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.



Figura 48 - Reunião na Justiça Federal de Teixeira de Freitas / BA. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.



Figura 49 - ATL em Brasília e lideranças e anciãos Arquivo pessoal de Renato Atxuãb, 2023.



Figura 50 - Reunião no Palácio do Planalto Brasília Casa do presidente Lula, Arquivo pessoal do Renato Atxuãb, 2023.



Figura 51 - Paralisação da BR 101. Arquivo pessoal de Renato Atxuãb,2023.



Figura 52 - Paralisação da BR 101. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.

Agradecer também a Associação de Mulheres da Comunidade por dar um apoio também pra mulheres da Aldeia Boca da Mata. Eu tenho que agradecer todos esses, foi muito desafiante pra mim, mas foi quatro anos de muito conhecimento, de muito ouvir os mais velhos, sempre

ouvindo, né? E falando também, durante essa caminhada, lutei bastante com meus colegas, com meu Vice-cacique Antônio José, Júnior Farias, Romário Farias, Ian, Renilto, Diones, Mayuru, É... Helenilton, Arikuri, né? Um menino que me ajudou bastante. É... Então, essas pessoas. Benedito também. Então, são pessoas que contribuíram bastante, né? Gigipati. É... Vagalume. É... São pessoas... Gigipati e Vagalume, duas pessoas que não entregou o cargo junto com nós, que hoje se encantou, né? Foi a óbito dos dois, né? E aí a gente não conseguiu finalizar junto. Mas a luta continua, a vida é assim, né? E a gente temos que continuar lutando pela nossa casa, pela nossa terra, pelo nosso território. Também, né? Queria aqui agradecer, né? Queria aqui agradecer muito, né? A minha família, meu pai, minha mãe, meus irmãos. Queria agradecer muito a Júlio Faria do Nascimento, Creonice de Jesus Silva, e meus irmãos, Fernanda, Mônica, Simone, Kaleby, Márcio, Alexandre.



Figura 53 - Pai e mãe com os filhos: Mônica, Renato, Simone, Kaleby, Márcio, Alexandre.

Meu filho Raiki Pataxó, que também passei pouco tempo com meu filho, ele compreendia, ele via a luta do pai, ele veio como exemplo pra ele de luta, de caminhada e só tenho a agradecer minha esposa, meu filho e minha família, porque sem vocês não teria como eu lutar, não teria como eu caminhar, minha esposa tirava do salário dela, que ela trabalha como cozinheira na escola Indígena Pataxó de Boca da Mata, e ela sempre me ajudava, sempre me contribuía até hoje.

Nossa tradição, graças à Deus eu participo do ritual sagrado, amo minha cultura, né, sempre tô

trajado, sempre participo dos rituais sagrados da minha comunidade, amo minha cultura, né, então é isso que a gente, que eu penso, né, como jovem liderança, espero um dia ter uma nova oportunidade de ser, voltar ao seu, porque eu contribuí muito.



Figura 54 - Paralisação da BR 101.Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.



Figura 55 - No Ministério dos Povos Indígenas do Brasil.Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.

Ajudei muito no esportivo, na saúde, na educação, na infraestrutura, ajudei muito e muitos reconhecem o que eu fiz, graças à Deus. Então, nosso Niãmisú, nosso Naô, nosso encantado, nosso grande Deus Poderoso, possa me abençoar, abençoar minha família, abençoar nossa comunidade, abençoar nosso território. E diversas fotos, né? Falando também, né, que eu tenho diversas e diversas fotos, né? Onde eu participei de todos os movimentos, participei de todos os movimentos, E tenho muita foto, muita foto. E hoje, graças à Deus, me informei

dentro da comunidade, fiz o ensino médio dentro da comunidade. Depois saí, fiz o magistério indígena. Depois fiz administração de empresa. E depois, agora tô fazendo licenciatura intercultural indígena. Tô aí estudando ainda. Então hoje eu me sinto feliz.



Figura 56 - Com nossa deputada federal Célia Xakriabá; com o cacique Raoni; ATL em Brasília. Arquivo pessoal de Renato Atxuãb, 2023.



Figura 57 - Buscando projetos de moradias. Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.



Figura 58 - Presidente do Conselho de Caciques do território Barra Velha, Suruí Pataxó e Cacique Atxuab Pataxó e lideranças em reunião com a chefe do ICMBIORaiane.Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.



Figura 59 - ATL em Salvador / BA.Arquivo de Renato Atxuãb, 2023.

Simone: Qual foi a experiência que seu pai passou para você como liderança da comunidade?

A experiência que meu pai me passou como liderança, meu pai é indígena, Júlio Beré, mais

conhecido como Beré. Júlio Beré. nasceu no território de Barra Velha, na aldeia Mãe Barra Velha. Vai fazer 60 anos esse ano, meu pai. Só tenho a agradecer meu pai, porque ele já foi cacique por três anos da comunidade Boca da Mata. Ele me orientou bastante, graças à Deus, como lidar com as pessoas, com a comunidade, porque não é fácil e ele sempre ia me orientar, mas às vezes eu queria, como jovem, tomar algumas atitudes mais drástica, mas ele falava não meu filho, não faz isso, porque comunidade é assim, vai relevando, vai conversando com as pessoas para poder elas entenderem qual é o objetivo seu, do seu trabalho. Eu agradeço muito meu pai pela grande experiência, pelo grande ensinamento que ele me deu. Um grande guerreiro de luta, um grande guerreiro de fé.

Que ensinamentos você vai levar para sua vida?

O ensinamento que eu vou levar pra minha vida esses quatro anos que eu tive de liderança, porque eu sempre participei das reuniões que tinha dentro da comunidade desde criança, que eu já participava das reuniões dentro da comunidade, sempre participei. E o ensinamento que eu vou levar pra minha vida é que eu aprendi muito durante essa caminhada. A gente só aprende caminhando e só aprende ouvindo e às vezes a gente falar pouco e ouvir mais. Mas eu aprendi muito. O ensinamento que eu levo é que o jovem, todos nós somos capazes de ser o que nós queremos. sem deixar de ser o que nós somos, a gente pode fazer muita coisa. O ensinamento que eu levo é que, primeiramente, você tem que zelar da sua dignidade, independentemente de ser liderança ou não. Você nunca pode desprezar a sua dignidade e o seu ensinamento que seu pai te deu. Graças à Deus, eu tive um ensinamento privilegiado do meu pai, Júlio Beré e Creonice. Graças à Deus, esses dois são meus heróis e são grandes sábios e um grande ensinamento para mim.

Em quais movimentos você esteve presente junto com ele?

O meu pai, na verdade, desde criança, eu quando tinha meus 12 anos de idade, estive com meu pai na retomada do Pé do Monte, em outras retomadas de Curumbauzinho, Águas Belas. e nessas comunidades que eu tive junto com meu pai e sempre participar junto com meu pai das reuniões, sempre tive junto com ele, em fechamento de pista. Na autodemarcação do território de Barra Velha, em 2005, eu tive com meu pai, a gente junto, a família, retomando hoje, o que é a Fazenda Barreirinha, que é aqui em Itaipuimbá, Colômbia do Sul, que estamos hoje. Retomamos 2005 com meu pai, que ele era cacique. Aí meu pai ficou de 2005 a 2008 como cacique. E depois retornamos de novo, novamente saímos da terra e entramos novamente em 2014 junto com meu pai novamente. Retomamos de novo o mesmo local. Em 2022, junto com o meu pai também, retomamos em 2022, já comigo como cacique, retomamos a mesma fazenda, a Barreirinha, que hoje é a GetaioPuimbacloGuixi. Estive com o

meu pai nessa luta, nessa batalha, em várias reuniões, já como jovem, e graças à Deus estive com ele na maior parte da luta. Então, quando eu entrei como cacique, eu não vi como obstáculo. Eu já era um pouco experiente já porque também atuei como cacique, atuei como professor por oito anos na escola indígena Pataxó de Boca da Mata. Também trabalhei como motorista da SESAI e atuo como fiscal do ICMBIO.

Quais são suas palavras para os jovens que tem sonho em ser liderança em sua comunidade?

Para a juventude que pensa de um dia ser liderança da comunidade. Porque assim, nossos mais velhos sempre lutou. Nossos mais velhos, nossos anciãos, nossos antepassados sempre lutou sem saber ler nem escrever. Mas lutou para deixar o pouco que nós temos. o que eu falo para a juventude, que o jovem que se interessa em ser um cacique, ou ser uma liderança da sua comunidade, que ele se qualifique, que ele tenha sabedoria, que tenha inteligência, que tenha paciência, porque a gente aprende no dia a dia. Não é um desafio muito grande, é muita coisa pra um jovem, mas falar pra vocês que todos nós somos capazes de ser o que nós quiser. Depende de nós se organizar, se qualificar e se organizar pra ser esse líder. E, realmente, a juventude tem que ocupar espaço. A juventude que está se qualificando, se profissionalizando, tem que assumir esses cargos de liderança. Respeitando, sim, os mais velhos, respeitando os mais anciãos, mas chegou o momento de a gente assumir esse trabalho, que não é fácil, mas sempre tem que ter um para poder assumir esse trabalho. que é um trabalho árduo, mas é um trabalho que é necessário. Sempre tem que ter uma pessoa para correr atrás das coisas. Sabemos que vamos ser criticados, vamos ser humilhados, mas a recompensa vem que as coisas chegam para a comunidade e a comunidade usufruir daquilo que você corre atrás. Isso eu fiz, graças à Deus. Eu deixei o meu legado. Não quero carregar legado.

Durante seu mandato de cacique, quais foram as principais dificuldades na autodemarcação? Você já participou de quantas retomadas?

Falando da questão da autodemarcação, eu participei de quatro retomadas, quatro principais retomadas. Participei da retomada de 99, na retomada do Parque Nacional do Monte Pascoal, que hoje é Parque Histórico, Parque Nacional Histórico do Monte Pascoal, também participei da retomada de 2005, junto com meu pai, na Fazenda Barreirinha. Eu vim aqui hoje na mesma Fazenda e fiz a retomada. E fiz a retomada do mesmo local em 2014, junto com meu pai, da mesma fazenda que a gente saiu. Também em 2022, novamente, a gente retoma a Fazenda Barreirinha, que hoje é Agtayupulba Krokxi, participei dessas retomadas. E as principais dificuldades que tive, porque a maior parte das lideranças antigas da minha comunidade, os ex-caciques, não me apoiaram nessa... autodemarcação, mas graças à Deus estou até hoje lá,

lutando, guerreando por esse espaço, porque nossos mais velhos lutaram pelo pedaço que nós temos. E hoje é dever de nós jovens lutar o restante do nosso território, que nós temos nossos netos, nossos bisnetos, tataraneto e nossos irmãos e irmãs, ancião que ainda tem sonho de ver esse território demarcado. Hoje nosso território está 90% do território retomado, né? Na autodemarcação. Então a nossa luta é grande, não é moleza, é coisa séria. E não existe um bem maior para o povo Pataxó do que a Mãe Terra. A Mãe Terra que nos dá tudo, nos dá a vida, nos dá a água, nos dá a natureza, nos dá tudo. Tudo, tudo é nosso.

6. POEMAS

BRASIL DO COCAR

O Brasil do cocar
Não aceita submissão
Já sofremos bastante
Chega de judiação

Nosso povo era feliz e não sabia
O que era dor
Roubaram a inocência e tiraram
A vida de nosso povo
Mas os guerreiros originários
Sabemse erguer o tempo todo

Nunca vamos desistir das terras do nosso povo
Não abaixamos a cabeça para nenhum genocida
Os povos originários não são índios e sim indígenas

O BRASIL FOI DESCOBERTO?

O Brasil foi descoberto em 1500?
Essa é a pergunta que uma criança fez a mim,
Respondi a ela bem assim:

O Brasil não foi descoberto, o Brasil foi invadido
Por um povo tão cruel que até hoje os indígenas têm sofrido

Paro pra pensar com grande indignação
Antes quem era dono hoje é obrigado
A viver isolado da nação

A constituição o indígena ajudou a escrever
Mas pergunto: a sociedade o que tem feito
Para nos reconhecer?

Sofrendo ataque de fazendeiros
que vêm matando nossas crianças e mulheres
Dos territórios inteiros

Como viver sendo indígena sem um território para usufruir
No balanço do maracá vamos todos nos unir

Com as forças dos naôs e dos nossos ancestrais
Povos indígenas, submissos nunca mais.

MEDICINA PATAXÓ

A medicina Pataxó vem dos nossos ancestrais
Ela é usada nos nossos rituais.

A medicina sagrada vem para fortalecer o nosso território
Agradecendo aos naô pela força e amor ao próximo

Na aldeia Boca da Mata nós usamos o paricá
Reunindo os parentes ao som do maracá

Em alguns lugares é chamada de rapé
Mas indiferente ao nome vem representando
a medicina para nos manter de pé

em nosso território a medicina está sempre presente
junta, pai, avó, avô, filho em geral todos os parentes.

A FORÇA DOS SABERES TRADICIONAIS

Parando para observar com a visão dos nossos parentes
Tanta luta por direito
E para reconhecimento da nossa gente

Vimos com o sonho de crescer e orgulhar
Os nossos lideranças que não cansam de lutar

Trazendo da aldeia o reconhecimento tradicional
Com a cor do urucum e a força ancestral

SABERES ANCESTRAIS

Abrir um livro que contava a história do índio
Índio aquele que não pode ter o conhecimento
Mal sabe elesque nós indígenas
temos saberes desde o nascimento

Livrofeito pela colonização
trazendo muitos mitos e falta de informação
Livro este que não mostra a nossa história
sem a riqueza dos nossos ancião

JAPIRA PATAXÓ

Hoje pude notar uma grande guerreira na sua fala
Trazendo ensinamentos medicinal

Vejo tanta riquezana sua medicina
Tô falando da grande pajé dona Japira

Trazendo com ela a força da mulher
Mãe e guerreira

Ela nos representa como uma grande
Benzedeira

Sua medicina tradicional vem trazendo
A cura
Para aqueles que acreditam e a procuram

DIREITOS INDÍGENAS

Hoje é falado sobre o PL 490
Com grande tristeza ver a luta
Do nosso povo pela natureza

Natureza essa que
Representa a vida pelo que
Por tanto tempo prejudicada

Para ouvir as lutas dos nossos parentes
São tantas conquistas
Porém tantas perdas para
Nossa gente

Vivemos um momento de grande dificuldade
Vendo nosso povo ser devastado
Devastado por aqueles que era para nos proteger
Mas a história é diferente
Só querem nos abater

Nós indígenas somos os povos originários
Os verdadeiros protetores
Lutando contra os latifúndios
E seus mercadores

Luta essa que é desde 1500
Mas continuamos fortes
Protegendo nossa gente

Para finalizar esse pensamento
Peço força aos naô e aos encantados
Pedindo sabedoria e coragem
Para sermos respeitados

BAYAHA PATAXÓ

Ouvir a voz de um grande cacique chamado Bayaha
Contando as suas lutas e vitórias

Vitórias essas que veio com muita dificuldade
Para conquistar seu território
E trazendo contigo a ancestralidade e um resultado
Satisfatório

Vive na sua aldeia JeruTucunã
Nas bençãos dos anciãos
E de Tupã

Tive a oportunidade em conhecer um pouco da sua história
Ouvindo suas lutas e suas vitórias

Para finalizar este poema só tenho alegria
Em conhecer esse ancião
Vou levar comigo sabedoria e gratidão.

EDUCAÇÃO

Olhando o trabalho dos nossos parentes vem na minha mente

A insatisfação

Um mundo tão desigual diante da educação

Desejo para meu povo um ensino de

Qualidade

Um ensino que faça a diferença

Na sociedade

O povo Pataxó sempre foi guerreiro

Construindo a educação

Sempre fortalecendo projetos para

Sua nação

As escolas indígenas agora são diferenciadas devido as lutas

Dos lideranças

Que representa nosso povo com garra

E perseverança

A educação na escola Boca da Mata é de excelente

Qualidade e seriedade

Levando os estudantes para a universidade

Seja na UFSB ou UFMG

Mas sabendo que o importante é aprender

Reforçando a importância dos nossos professores

Trazendo sempre sabedoria

E cheio de dedicação e valores

Apesar das lutas ainda temos muito a conquistar

Seja no bico da caneta

Ou na batida do maracá

Os professores indígenas precisam
de concurso e valorização
para cada vez mais ajudar no aprendizado
adquirindo formação

formação essa que é muito difícil de conseguir
porque o sistema quer nos calar
mas nós povos originários
nunca vamos aceitar

diante do quadro de dificuldade os povos indígenas fazem
uma transformação
trazendo em cada luta respeito e união

MAXACALI

O povo maxacali vem trazendo em suas obras
Uma riqueza de detalhes
Uma variedade de cobras

Trazendo a natureza na mais pura beleza
Reforçando a cultura através de sua grandeza

Ao olhar para esses desenhos me traz satisfação
Porque os povos indígenas são o futuro da nação

Pela universidade o povo maxacali sempre está presente
Sabendo de sua importância para todos os parentes

Diante das dificuldades nunca deixou se abater
Pois são originários com força e poder.

XAKRIABÁ

Através de uma caixinha das histórias xacriabá
Vem trazendo as vivências e tudo que há por lá

Seja na escrita ou até mesmo em gravuras
Mas a dedicação desse povo os leva as alturas

Tive a oportunidade de conhecer e conviver
Vou levar comigo alegria e felicidade
por ter conhecido um povo de valores e seriedade

ao falarem seus versos eu confesso que fico emocionada
porque trazem sempre verdade nas suas caminhadas

acho muito bonito a sua união
reforçando o seu povo com paz no coração

RODA DE FOGUEIRA

a cada história contada por um ancião
na beira da fogueira vem trazendo consigo
um sentimento de tristeza e indignação

sofrimento esse no fogo de 51
de ver parentes perderem a vida
no seu próprio território
que foi invadido

mulheres, crianças e idosos não tinha distinção
para um povo tão cruel e sem coração

quando escuto um ancião contar
posso ver a essa pessoa com grande tristeza

no olhar

tristeza essa que nunca vaipassar
marca que ficou para nos assombrar

mas o povo Pataxó tem raízes
fincadas no território
através desuas lutas e suas vitorias

aguardamosansiosos pela demarcação
de uma terra que já era nossa
e foi tomada por invasão

mas nos ainda vamos recuperar
seja no bico da caneta
no peso da borduna ou no balanço do maracá

ALUNOS CRIANDO

Vamos nos reunir para fazer uma leitura
Obter conhecimento para a vida futura

Alunos escrevendo alunos recitando
Todos na mesma sintonia
Vamos todos aprendendo

Aprendendo a criar alguns poemas
Falando da importância da leitura
Resolvendo os problemas

Problemas emtentar resolveralgumas atividades
Mas força de vontade
Vamos todos trazendo muita felicidade

A semana da leitura vem trazendo grande
Conhecimento e sabedoria para todo o alunado
para aqueles que querem aprender um pouco
dos saberes e seus significados.

TERRITÓRIO BARRA VELHA

Os povos Pataxó tem lutado
Por seu território
Na força do maracá fazendo os seus cantos
Para os males espantar

Usando nossos trajes e as nossas cores ancestrais
Com o urucum e o jenipapo
Para renovar a força tradicional

Por muito tempo sendo massacrado
Dentro do próprio território
Lutando com união
Para um resultado satisfatório

O povo Pataxó vem sempre na luta sem cansar
Apesar de algumas conquistas
Temos muito a lutar

Demarcação
Direito
Respeito
Povo Pataxó
Povo originário

URUCUM

O povo Pataxó da Aldeia Boca da Mata
Usa o urucum da cor vermelha
Que representa a sua força
E o povo se espelha

Toda sexta feira tem o ritual sagrado
Trazendo a força dos cantos
E as bençãos dos encantados

Pedindo proteção para toda comunidade
Trazendo seus ensinamentos
Para um povo com muita dificuldade

Mas com as cores das nossas lutas
E das nossas vitórias cada parente
Fazendo sua parte vamos
Sair todos na glória.

MOVIMENTO PATAXÓ

A cada luta a cada paralização
Nós povos Pataxós
Sempre pedindo demarcação

Fazendo nossos cantos
Faça chuva ou faça sol
Mas nunca desistimos
Porque todas nossas lutas
Nós sempre resistimos

O movimento Pataxó sempre teve dificuldade
Mas a cada conquista comemoramos

Com grande felicidade

Nesses movimentos vai velho,mulheres e crianças
Todos com um sonho echeio de esperança

Esperança essa por um território demarcado
Por todo um povo que até hoje tem lutado.

LIVRO DE POEMA

A cada poema escrito vem trazendo
Muito sentimento de um povo
Que resiste desde o nascimento

Trazendo os traços e as cores pintadas
Pelos alunos como sempre dedicados aos seus costumes

Vamos falar de educação, lutas e até erva medicinal
Como é grande a importância do saber tradicional

Falando dos lideranças que por tanto tempo tem lutado
Por um povo de fé que sempre tem acreditado

Falando dos movimentos pela demarcação
Trazendo visibilidade para toda uma nação.

JÚLIO BERÉ

Para falar desse liderança é com grande satisfação
Que coloco em cada linha um pouco de amor e dedicação

Pai presente e um homem de muita fé
Que acredita que dias melhores viram

Por isso está firme na autodemarcação

Minha grande inspiração e exemplo de honestidade

Porque fui criada na simplicidade

Homem respeitador e muito leal

Abraçamos a família com um amor sem igual

Criou seus sete filhos com muita luta e perseverança

Hoje tem filho professor e filho liderança

Seus ensinamentos irei guardar sempre comigo

Não tenho apenas um pai, tenho um guerreiro e amigo

LUÍS PESCA (SAMBADOR CURADOR)

Em conversa com esse grande liderança pude perceber

a importância em ouvir um ancião

sabendo que suas lutas e batalhas nunca foram em vão

Lutas essas que vem passando de geração em geração

Garantindo o direito pelas nossas tradição

Tradição essa que esse sambador não deixa morrer

A cada batidado pandeiro, dentro de cada canção

Vem reforçando os costumes e a nossa união

União essa que vem através do encantados,

durante o ritual sagrado.

Revelando o poder da fé e da cura espiritual

Para todos que acreditam no poder ancestral

Ritual esse que vem trazendo o poder dazeza

e da erva medicinal

Trazendo a saúde e levando embora o mal.

Tô falando do guerreiro, rezador, sambador, pai, liderança e agricultor
o senhor Luís Francisco do nascimento,
que através do tempo vem trazendo sabedoria e conhecimento.

Neste momento só tenho gratidão
em poder ter a oportunidade em conviver com esse liderança,
porque apesar de todas as lutas nunca perdeu a esperança.

CREONICE (MÃE)

Falar dessa mulher que me deu a vida é muito fácil
Porque a cada minuto ao seu lado é de muita felicidade
Porque essa guerreira além de amorosa carrega consigo muita simplicidade

Mulher batalhadora que não foge da luta
Seja nas paralisação, protesto
Ou até mesmo na autodemarcação

Sempre leva consigo a fé por dias melhores
Que ainda estão a caminho
Mas nunca deixa falta o sorriso e o seu carinho

Aqui fala uma filha muito orgulhosa e satisfeita
em ter uma mãe que capina que planta que colhe
Que cuida, que se preocupa e que acolhe

Como ela disse que ser mulher de liderança é um fardo difícil
Mas para uma mulher decidida vale qualquer sacrifício

Diante das lutas cada um tem seu papel
Seja na cozinha ou diante de um coronel

Coronel esse que vem para amedrontar
mas as mulheres pataxós
Tem sangue nos olhos não se deixam
Intimidar

Lutando com a borduna e o maracá
Seguindo com a força dos encantados
E dos seus ancestrais
Por um território livre e nem uma gota a mais

Nem uma gota a mais
Nem mais uma perda

RENATO ATXUAB(JOVEM LIDERANÇA)

Trazendo contigo a força de seus ancestrais
lutando, guerreando por nenhuma perda a mais

Sendo protegido pelas orações
sempre de cabeça erguida
com seu maracá e cantando aos naô suas canções

Desde muito jovem vem sempre dentro das lutas
acompanhado sempre por sua família em todas as situações,
sempre de cabeça erguida
com o cocar na cabeça e muitas realizações

Cacique da Aldeia Boca da Mata lutou pela educação
por uma saúde de qualidade e muita união

União essa que devemos preservar
porque é um precisamos um do outro
para nossa terra conquistar

Terra que há muito tempo foi invadida
sem saber que um certo dia quase perdeu sua vida
em uma emboscada feito por pistoleiros
que até hoje vem tirando o sossego
dos que aqui chegaram primeiro

Já trabalhou em muitas áreas,
educador, motorista, e trabalhador braçal
nunca teve vergonha de sua origem
e do seu saber tradicional

Participou de várias viagens e reuniões
tentando trazer melhorias para sua comunidade
com Deus no coração e muita humildade.

Humildade essa que permanece sempre em sua vida
um homem guerreiro e que acredita na bondade
e que cada um tem no coração simplicidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei com esse trabalho destacar as vivências de Júlio e de sua família dentro e fora da comunidade e suas contribuições durante seus anos como liderança e seus ensinamentos passados de gerações para seus filhos e parentes da comunidade. Produzi esse trabalho para deixar registrada sua história de vida, um documento para todos aqueles que têm interesse na história dos povos originários, porque há muito tempo só ouvíamos outras pessoas contarem a nossa história, falar sobre nossas vivências e sobre nosso território, dos nossos ancestrais, da nossa cultura e nossas tradições.

Acredito que hoje temos a liberdade de poder escrever e falar sobre todos esses assuntos, porque nós, enquanto povos indígenas, temos propriedade em falar nossa própria história e cultura, pois vivenciamos tudo, seja através de uma conversa com um ancião, da participação em um ritual, da presença nas lutas, da possibilidade de praticar nossa língua materna sem ter medo de ser morto ou simplesmente de poder andar livre dentro do nosso território. Hoje temos a possibilidade de praticar nossa cultura de maneira livre e assim mostrar para o mundo que nós estamos aqui, nós resistimos, nos existimos e queremos ser vistos e atendidos, não queremos ser esquecidos, então trago neste trabalho a importância de ensinar e se sentar para ouvir aqueles que tanto lutaram e continuam lutando por meu povo.

Quando vejo meu pai sentado conversando com meu irmão e aconselhando a ele, isso me enche de orgulho, porque um verdadeiro líder tem que aprender a ouvir e respeitar os ensinamentos dos seus pais e anciãos. Acredito que consegui meu objetivo com este trabalho, porque tem grande importância em contar e deixar registrado a trajetória do meu pai e seus ensinamentos para minha comunidade.

Também quis deixar registrado a importância do meu irmão para as lutas da juventude, que são os futuros líderes do meu povo. Apesar de não ser mais o cacique da minha comunidade, meu irmão continua na luta, porque segundo ele para lutar por sua comunidade não precisa ser cacique, e sim ser um cidadão que ama seu povo. Durante sua trajetória como cacique ele pôde trazer muitas coisas boas para minha comunidade e incentivou muito os nossos jovens em busca de conhecimento e valorização do seu próprio povo, ensinando que todas as conquistas dependem de força e coragem, para buscar aquilo que almejamos, neste caso o nosso território e o direito de poder usufruir da nossa terra. Apesar de muitos momentos tristes

durante sua caminhada, muitas perdas de parentes jovens que também se faziam presentes nas autodemarcações, meu irmão continua lutando por um sonho de todos nós. Sabemos que a luta é árdua, mas com fé em Deus vamos sair vitoriosos, por isso, eu tenho muito orgulho da minha comunidade da minha família porque são minha base e são tudo que eu preciso para continuar na luta.

Através das entrevistas e arquivos pessoais foi possível apresentar algumas personalidades muito importantes para a história do povo Pataxó. Também quis apresentar minha comunidade, e para isso utilizei um mapa falado e um mapa de imagens— que mostram a casa dos moradores, os rios e o caminho a ser seguido durante o percurso pela Aldeia Boca da Mata. Esses mapas trazem consigo a importância de preservar nossas nascentes e vegetação natural, pois cada pessoa que vive nesta comunidade tem seu meio de subsistência relacionado ao território, como, por exemplo, os artesanatos produzidos dentro da comunidade, que são vendidos ou trocados. Nesse trabalho pude mostrar alguns. O artesanato é de extrema importância para a economia da comunidade, seja ele um maracá, colar ou gamela.

Considero que consegui alcançar todos os objetivos porque mostrei a trajetória de meu pai e seus ensinamentos através de sua sabedoria para toda família, acredito que essa é uma maneira de contribuir para minha comunidade de maneira positiva.

8. REFERÊNCIAS

CIMI – Conselho Indigenista Missionário. **Terror no Sul da Bahia:** operação policial termina com disparos de borracha e bombas de gás contra o povo Pataxó. 2014. Disponível em: <https://cimi.org.br/2014/11/36728/>. Acesso em: 10/05/2024.

Escola Indígena Boca da Mata; UFSB. **Etnomapas:** Aldeia Pataxó Boca da Mata. Porto Seguro / BA: 2019.

Portal de Notícias G1. **Indígenas de diversas etnias protestam contra marco temporal em rodovias federais da Bahia.** Publicado na internet em 07/06/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/06/07/indigenas-de-diversas-etnias-protestam-contr-o-marco-temporal-na-br-116.ghtml>. Acesso em: 10/05/2024.

ENTREVISTAS

NASCIMENTO, Luís Francisco do Aldeia Boca da Mata, 08 de abril 2024. Entrevista concedida a Simone Farias de Jesus.

SILVA, Creonice de Jesus, Aldeia Boca da Mata, 09 de abril 2024. Entrevista concedida a Simone Farias de Jesus.

JESUS, Renato farias de. Aldeia Boca da Mata, 05 março 2024. Entrevista concedida a Simone Farias de Jesus.